

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
LICENCIATURA EM HISTÓRIA

RENAN FERREIRA DE SOUZA

O FUTEBOL BRASILEIRO: da elite para cultura de massa.
Reflexões sobre a formação da identidade nacional

MONOGRAFIA

GOIÂNIA, 2020
RENAN FERREIRA DE SOUZA

O FUTEBOL BRASILEIRO: da elite para cultura de massa.

Reflexões sobre a formação da identidade nacional

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado à Coordenação de Pesquisa do Curso de Licenciatura em História da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial para a obtenção do título de Professor(a) Licenciado(a) em História.

Orientador(a): Prof.Me. Leandro Menezes

GOIÂNIA, 2020

Espaço reservado para inserção da ficha catalográfica.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação Pontifícia
Universidade Católica de Goiás
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados
fornecidos pelo autor:

SOUZA, RENAN FERREIRA DE. O futebol brasileiro: da elite para cultura de massa: reflexões sobre a identidade nacional / RENAN FERREIRA DE SOUZA. – 2020. 56 f. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Escola de Formação de Professores e Humanidades, Curso de História, Goiânia, 2020. Orientação: Prof. Me. Leandro Menezes. 1. Futebol brasileiro. 2. Cultura. 3. Identidade. I. Título.

CDD 900



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E
HUMANIDADES

CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

COORDENAÇÃO DE PESQUISA

Monografia nº 17

Semestralidade 2020

Autor(a): Renan Ferreira de Souza

Título: O futebol brasileiro: da elite para cultura de massa

Reflexões sobre a identidade nacional.

TERMO DE APROVAÇÃO

O trabalho foi apresentado durante a **Semana Científica de História**, realizada entre 8 e 12 de dezembro de 2020, conforme as “Normas de Monografia” da Coordenação de Pesquisa em História, instituídas pela Coordenação de História por intermédio do Ato Próprio Normativo nº 002/2020. O(a) candidato(a) foi arguido(a) pelos(as) docentes nomeados(as) abaixo e seu trabalho de conclusão de curso, requisito parcial para a obtenção do título de Professor(a) Licenciado(a) em História, considerado _____.

(Aprovado, aprovado com ressalvas ou reprovado).

Goiânia, ____ de _____ de 2020.

Prof(a).: _____ Prof(a).: _____ Prof(a).:

_____, orientador(a) e presidente da banca.

Visto da Coordenação de Pesquisa em História _____

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço ao Senhor Deus que me protegeu e iluminou meus passos por essa árdua caminhada até aqui. Ao meu orientador, Leandro Menezes, que se dispôs a me orientar e teve muita paciência e tranquilidade com as minhas limitações e claro a revisora Isabela que teve a difícil tarefa de corrigir meu trabalho e traduzi-lo de maneira inteligível.

A minha mãe querida, que sempre me incentivou e me deu forças para não desistir nos momentos mais difíceis.

Ao meu avô materno, que Deus o tenha onde ele estiver, que me ajudou principalmente financeiramente e deixou como exemplo a importância de ser um homem honesto, forte e trabalhador.

E aos grandes professores da universidade PUC/GO: Eduardo Reinato, Antônio Luiz, Simone Schmaltz, Maria Madalena, e Renata Cristina, que me ajudaram muito em todo esse processo.

Por fim, agradeço a todos os meus amigos e colegas, com os quais tive o privilégio de participar nas aulas e os amigos mais próximos, saibam que todos vocês foram importantes, inclusive compreenderam minhas ausências nos eventos em função desse trabalho de conclusão de curso.

Em futebol, o pior cego é o que só vê a bola.

Nelson Rodrigues

RESUMO

Resumo: Essa pesquisa pretende discutir a trajetória do futebol brasileiro e seu contexto histórico desde sua chegada no Brasil em 1894. Nosso foco principal é analisar a história do futebol brasileiro em sua particularidade e complexidade em relação ao futebol praticado em outras partes do mundo. Posteriormente relacionar o futebol brasileiro a identidade cultural brasileira. Destaca-se dentro do futebol brasileiro a mística em harmonia com a parte tática bem definida, um futebol diferente dos demais países, sobretudo os da Europa. Nesse sentido, o campo de investigação dessa pesquisa pretende analisar as nuances e as transformações do futebol no Brasil enquanto um fenômeno popular, de elite e massa.

Palavras-chave: futebol brasileiro, cultura, identidade.

ABSTRACT

This research aims to discuss the trajectory of Brazilian football and its historical context since its implementation in Brazil in 1894. Our main focus is to analyze the history of Brazilian football in its particularity and complexity in relation to football played in other parts of the world. We then relate Brazilian football to Brazilian cultural identity. Within Brazilian football, the mystique in harmony with the welldefined tactical part, a football different from other places especially in Europe, stands out. In this sense, the field of investigation of this research intends to analyze the nuances and transformations of football in Brazil as a popular, elite and mass phenomenon.

Keywords: Brazilian football, culture, identity.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	9
1 A HISTÓRIA DO FUTEBOL NO BRASIL.....	12
1.1 A origem e a implantação do futebol no Brasil	14
1.2 O profissionalismo do futebol no Brasil	19
1.3 O racismo no futebol brasileiro	26
2 FUTEBOL BRASILEIRO, ECONOMIA E A INDÚSTRIA CULTURAL.....	34
2.1 Cultura e identidade: reflexões e diálogo com o futebol brasileiro.....	34
2.2 Indústria cultural e o futebol brasileiro	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
REFERÊNCIAS	54

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A presente pesquisa acadêmica é importante para as manifestações culturais da história do futebol brasileiro, nesse sentido, pretende-se apresentar ao leitor uma concepção mais aprofundada sobre o futebol no Brasil e sua representatividade dentro da historiografia, com destaque para esse esporte enquanto manifestação cultural. Por esse ângulo, abordaremos as indagações sobre o ponto de vista cultural e identitário que envolvem o futebol brasileiro desde sua prole até os dias de hoje, sendo assim, faremos um recorte conceitual que engloba os eventos mais relevantes da história do futebol no país e que propuseram as transformações principais no futebol brasileiro.

O futebol brasileiro, desde os primórdios tem suas complexidades, bem como mitos e verdades difundidas dentro da historiografia do esporte, sua história atravessou diversas evoluções e superou inúmeras dificuldades para se tornar parte da cultura brasileira, desse modo, sua história é rica e até os dias de hoje existem discussões no que diz respeito a chegada desse no Brasil e como se tornou o esporte mais praticado no mundo. Nessa perspectiva, este trabalho abordará algumas questões que norteiam o futebol brasileiro desde a sua prática dentro das *quatro linhas*¹ até outras questões periféricas fora dos gramados, mas que, sem dúvida, são de suma importância para o entendimento de como o futebol brasileiro atingiu o patamar que tem hoje. Para analisar melhor tais questões o trabalho será dividido em dois eixos de discussão.

No primeiro capítulo apresentar-se-á a história do futebol brasileiro, bem como analisar-se-á sua trajetória histórica desde a sua chegada no país, em 1894, com as primeiras práticas desse esporte e como suas regras foram desenvolvidas, a profissionalização do futebol, as competições, o rito futebolístico, sua evolução no que tange às suas características, destacando também a relação do torcedor brasileiro e sua simbiose com o time, focalizando o contexto que antecedeu a copa do mundo de 1950 e os impactos que esse evento trouxe para a popularização do futebol brasileiro a medida que deixa de ser um esporte de elite branca e europeia para se inserir nas demais camadas sociais.

¹ Espaço delimitado ao território da prática do futebol, quando se refere a dentro das quatro linhas se refere aos elementos do futebol dentro de campo, quando utilizada a expressão fora das quatro linhas se refere ao futebol fora de campo envolvendo questões paralelas ao futebol como questões políticas, econômicas e sociais dentro do esporte.

Em um primeiro momento, essa pesquisa visa compreender a historiografia do futebol brasileiro e seus elementos norteadores que levaram o esporte a se tornar tão popular no Brasil, destacando pormenores desse longo processo. Para analisar o futebol brasileiro e compreender sua peculiaridade e complexidade teremos como fontes primárias o livro de Mario Filho, publicado em 2010, *O Negro no Futebol brasileiro*, cujo autor, juntamente com Luís Fernandes, José Mauro Firmo, João Máximo, Edson Carneiro e Gilberto Freire analisam o processo de elitização do futebol e narrativas em forma de crônica sobre muitos fatos da vida dos jogadores negros revelados pelos próprios atletas ao então jornalista Mario Filho.

E inevitável não utilizar o livro de Filho (2010), tendo em vista que nos capítulos desta obra ele nos permite pensar em ordem cronológica a difícil trajetória da democratização do futebol. Sua crônica releva detalhes de como se deu esse processo, além disso, Filho (2010) utiliza evidências documentais, além de relatos orais, ao passo que revela diálogos com jogadores e pessoas ligadas ao futebol.

Para além de Filho (2010), utilizaremos também como fonte primária Anatol Rosenfeld em sua obra *Negro, Macumba e Futebol* e o livro de Hilário Franco Júnior intitulado *Dando tratos à bola*, a fim de dar suporte à obra de Filho (2010) no sentido de ratificar suas palavras. Rosenfeld (1993) descreve essa linha temporal quando aborda o futebol no Brasil. No capítulo *Futebol brasileiro* (ROSENFELD, 2013) em concordância com Filho (2010) nos dá a dimensão de todo o contexto histórico que norteou os conflitos e a resistência em função do profissionalismo do futebol brasileiro e da inserção do negro no esporte. Dentro desse contexto, ambas as análises partem do pressuposto de que o esporte fora implantado no país dentro de viés eurocêntrico, e acima de tudo sob uma virilidade machista e elitista, à medida que a historiografia do futebol brasileiro se revela, demonstra-se que em momento nenhum o futebol era um esporte destinado para as massas, muito pelo contrário, sua essência vai ao encontro de um esporte extremamente nobre que no Brasil poderia ser praticado, sobretudo, pelos brancos filhos de fazendeiros e em grande medida estudantes de medicina e direito.

Nessa perspectiva, Júnior (2017), renomado historiador e medievalista, em sua obra *Dando tratos à bola*, descreve com precisão os impactos da Copa do Mundo de 1950 no Brasil, tanto para o crescimento do futebol no país, quanto para se tornar o esporte paixão nacional, Júnior (2017) detalha, nos primeiros capítulos de sua obra,

os principais eventos e acontecimentos das copas do mundo, obviamente a partir de um olhar medievalista, entretanto ele elenca diversos fatores de suma importância resultantes do maior evento esportivo do mundo, trazendo minuciosamente cada detalhe no que diz respeito ao futebol enquanto prática esportiva e competição que é, o autor enfatiza a seleção brasileira e sistematicamente demonstra uma dimensão das regras do futebol nos respectivos períodos de copa do mundo, além de esmiuçar a evolução do futebol no quesito de regra a cada período de Copa do Mundo.

No segundo capítulo elencaremos as razões que levaram o futebol brasileiro a ser um fenômeno mercadológico sobre a ótica econômica e como se deu a evolução da transformação desse esporte em um negócio rentável e como esse processo movimentou a indústria e toda a economia do país, sobretudo na Copa do Mundo de 1950, realizada no Brasil. Nessa perspectiva, a contribuição de Adorno e Horkheimer são primordiais para compreender e problematizar a relevância do conceito de indústria cultural e massa dentro do contexto do futebol, nesse sentido, o capítulo dois problematizará o conceito de cultura na concepção de Stuart Hall, Roberto Da Matta e Sergio Buarque de Holanda e apresentará sua dualidade no que diz respeito à cultura e identidade de forma natural sobre a égide de costumes e crenças de determinada nação e a indústria cultural cunhada por Adorno e Horkheimer, na escola de Frankfurt, tratando de uma cultura mecanizada e exportada, sobretudo da Europa.

Por fim, a pesquisa pretende também responder e ao mesmo tempo analisar atentamente o caminho que futebol percorreu até os dias de hoje. Ademais, pretende-se também responder como o futebol brasileiro nasceu elitizado, alcançou as massas populares, sobretudo a partir de 1950, com a Copa do Mundo, e depois torna-se elitizado novamente, em 2014, com a segunda Copa do Mundo realizada no Brasil.

1 A HISTÓRIA DO FUTEBOL NO BRASIL

O futebol é o esporte mais tradicional do país, reunindo cerca de 40 milhões de adeptos, no Brasil é considerado a paixão nacional, o que nos rendeu fama mundial de país do futebol, sendo praticado por quase todas as idades em diversas modalidades em todo território nacional, reunindo diversos sentimentos em um só lugar, seja por meio da prática profissional, ou como atividade de lazer e diversão.

Exatamente por ser um tão popular no Brasil, é natural que as pessoas queiram entender do esporte enquanto prática esportiva, estima-se que o futebol como um todo, bem como as modalidades: futebol *Society*², futebol de salão (futsal) e o tradicional futebol de campo, seja a representação mais genuína da cultura brasileira, uma vez que a prática do futebol se tornou um costume tradicional, sobretudo entre o público masculino.

O futebol vem sendo estudado por áreas acadêmicas como sociologia, antropologia, história e principalmente a educação física, todo esse empenho se justifica pelo fato de o esporte ter ganhado muita repercussão, sobretudo nos períodos em que o esporte está em evidência, como na Copa do Mundo. Assim, fica claro o poder do futebol de mobilizar as pessoas e até de mexer com os sentimentos, por esse motivo, esse se mostra cada vez maior conforme sua evolução, ao ponto de não ser apenas uma prática esportiva ou só uma partida com fins de diversão e lazer, mas uma representação cultural de sentimentos, amor e diversos outros elementos impregnados e que fazem do futebol um esporte hegemônico e único, sendo capaz de alcançar tamanha grandeza.

Para além da tradição de jogar futebol, a tradição do esporte no país tem relação com o fato de assistir uma partida de futebol, ou seja, ser espectador das partidas, fato esse que se transforma em prática cultural se pensamos a cultura como um conjunto de costumes praticados por determinado povo ou nação. A tradição cultural em acompanhar o futebol se estabelece à medida que criamos vínculos compromissários com o esporte como, por exemplo, o fato de ser quase uma unanimidade, no período de Copa do Mundo, haver uma mobilização para

² Futebol *society*: modalidade do futebol criado na década de 80, na época tinha o nome de futebol 7, possui algumas regras bem específicas em relação ao tradicional, pois foi adaptado para medidas menores de 45mx25m, podendo chegar a no máximo 55mx35m. É uma modalidade bastante praticada, já que mais fácil em função de ser em espaço reduzido, exigindo menor desgaste físico.

acompanhar os jogos e torcer pela Seleção, tanto é que, nos últimos anos, os dias de jogos da Seleção Brasileira foram considerados feriado nacional. Percebe-se então o poder do futebol, tanto no quesito mobilizador, quanto no ponto de vista econômico.

Neste capítulo abordaremos a história do futebol a partir do seu surgimento, em seguida a problemática referente à prática alinhando-a com a discussão sobre onde, de fato, surgiu o futebol e como se deu o processo de propagação desse pelo mundo inteiro. Tal discussão gira em torno de pensar o esporte em um âmbito filosófico, bem como buscar compreender as ideias de alguns autores, sobretudo a partir de críticas e negativas dos mesmos ao pensar outros elementos periféricos que norteiam o futebol e, baseado nos autores e pessoas ligadas a essa prática esportiva, desenvolver uma reflexão sobre fatores que nortearam o esporte no mundo e, posteriormente, difundido em solo Brasileiro.

Em um segundo momento a análise do futebol será no âmbito nacional, nesse sentido, a abordagem será fixada na chegada do esporte no Brasil e todo o caminho percorrido por esse no território nacional a fim de problematizar sua história, trazendo para o trabalho várias discussões sobre a ótica de vários autores importantes e pessoas ligadas ao esporte, com a finalidade de tentar explicar como o futebol surgiu no Brasil, a princípio como esporte de elite branca, para depois alcançar as camadas mais populares do país, sobretudo com o advento da Copa do Mundo de 1950, tornando-o mais tradicional, e em seguida o mesmo evento, em 2014, contribuiu para o futebol voltar a contemplar novamente a parte mais favorecida da sociedade brasileira.

Por fim, ainda neste capítulo abordaremos também a questão do negro no futebol brasileiro e todo o caminho trilhado debaixo de muita opressão para alcançar o privilégio de jogar futebol, dissertar-se-á também sobre como a participação do negro foi de suma importância para a cisão do futebol brasileiro, deixando de ser um esporte amador, alcançando o profissionalismo e tradição. Ademais, refletiremos também sobre a relação do negro com a Copa do Mundo, principalmente as realizadas nos anos de 1950 e 1958, chegando finalmente ao debate sobre a identidade brasileira diante de todo o contexto do futebol.

1.1 A origem e a implantação do futebol no Brasil

A exemplo do Brasil, o futebol também é o esporte mais popular no mundo, alcançando todos os continentes, e passado de geração em geração, atingindo quase todas as nações do mundo.

Estima-se que cerca de 3,5 bilhões de pessoas sejam adeptas do “esporte rei” assim chamado por Rosenfeld (2013) em sua obra *Negro, Macumba e Futebol*, e que temos nos dias atuais aproximadamente 300 mil clubes espalhados por todo planeta. Segundo um levantamento feito pela Federação Internacional de Futebol Associação (FIFA) o futebol possui cerca de 265 milhões de praticantes no mundo. É importante destacar que esse número é uma estimativa e devem-se considerar as limitações e critérios adotados pela entidade em fazer uma pesquisa desse porte, associado ao fato de que pode haver pequenas imprecisões, embora a coleta de dados da maior associação esportiva do mundo tenha melhorado significativamente. Os dados da pesquisa supracitada incluíram apenas jogadores profissionais, homens e mulheres, nas principais categorias do futebol: futsal e futebol de areia. Entretanto, a partir desses dados, podemos ter uma boa noção do que representa o futebol e o quanto ele é presente na vida das pessoas e, sobretudo, como as suas práticas foram difundidas e crescendo exponencialmente com o passar dos tempos na medida em que foram se aperfeiçoando.

A história do futebol é bastante complexa e carregada de muitas contradições no que se refere ao seu surgimento, principalmente em função da escassez de fontes, diante disso, não se sabe precisamente quando e onde surgiram as primeiras práticas do futebol, no entanto, registros históricos pressupõem que cerca de 3000 A.C militares chineses praticavam jogos bem parecidos com o esporte, mas com o teor de aperfeiçoamento militar voltado para as guerras. No Japão, a atividade era desenvolvida em campos de aproximadamente 200 metros e praticada pela corte do império *Kemari*. Já na Grécia Antiga o esporte começou a se desenvolver durante o século I A.C, as equipes eram denominadas de *Episkos* e os praticantes eram divididos em dois grupos com nove jogadores cada um e a bola era fabricada com a bexiga de boi e preenchida com areia, para além desses povos, os egípcios e romanos também praticavam o esporte.

Para todos os efeitos essa tese é corroborada por Galeno (2013, p.26) em sua obra *Futebol ao sol e a sombra* na qual o autor uruguaio afirma que "no mármore de uma tumba grega de cinco séculos antes de Cristo aparece um homem fazendo embaixadinhas com a bola no joelho", Galeno (2013) ainda afirma que na idade média a prática do futebol era latente, sobretudo na sociedade romana:

Pelos pés dos legionários romanos a novidade chegou às ilhas britânicas. Séculos depois, em 1314, o rei Eduardo II estampou seu selo numa cédula real que condenava este jogo plebeu e alvoroçador, "estas escaramuças ao redor de bolas de grande tamanho, de que resultam muitos males que Deus não permita". O futebol, que já se chamava assim, deixava uma fileira de vítimas. Jogava-se em grandes grupos, e não havia limite de jogadores, nem de tempo, nem de nada. Um povoado inteiro chutava a bola contra outro povoado, empurrando-a com pontapés e murros até a meta, que então era uma longínqua roda de moinho. (GALENO, 2013, p.27).

Na mesma obra, Galeno (2013) expõe uma dimensão sucinta das práticas futebolísticas dentre os povos antigos e como a relação com o futebol já extrapolava as fronteiras do campo e atingia outros fragmentos dos povos gregos e romanos, especialmente sua relação com a cultura e religião, em contrapartida percebe-se que o futebol praticado na época era dotado de muita violência e pautado em resolver indiferenças.

Contudo, Galeno (2013) também discorre sobre a teoria de não se saber de fato a origem do futebol, o autor afirma que não se sabe desde quando se joga futebol, enfatizando que na América Central, principalmente no México, a prática do esporte também já era presente:

No México e na América Central, a bola de borracha era o sol de uma cerimônia sagrada desde uns mil e quinhentos anos antes de Cristo; mas não se sabe desde quando se joga o futebol em muitos lugares da América. Segundo os índios da selva amazônica da Bolívia, tem origens remotas a tradição que os leva a correr atrás de uma bola de borracha maciça, para metê-la entre dois paus sem fazer uso das mãos. (GALENO, 2013, p.29).

Na selva boliviana a prática do futebol também se notabilizava por tradição com características religiosas mais marcantes, conforme descreve Galeno (2013), o autor afirma, acerca das práticas do futebol, que os povos astecas tinham o costume de sacrificar os vencedores, antes de lhes cortar a cabeça, pintavam seu corpo com

faixas vermelhas, assim os eleitos ofereciam seu sangue para que a terra fosse fértil e o céu generoso.

Entretanto, a tese mais aceita entre os estudiosos aponta que as primeiras noções de futebol foram criadas na Inglaterra, em 1863, desse modo os britânicos desenvolveram as regras, entre elas as que vigoram até os dias de hoje do futebol mundial, tal qual desassociando do *rugby –football* e a *association football*, criando o esporte como diversão e cultura entre os povos europeus que, a partir de seu berço inglês, ramificou-se em todo território mundial. Apesar de muitas mudanças em suas regras para aperfeiçoar sua prática, o futebol atravessou séculos de história, sofrendo diversas evoluções até se tornar o esporte mais praticado no mundo.

No Brasil, o esporte chegou em 1895, segundo João Máximo (1999), através de um paulista naturalizado Britânico chamado Charles Miller, pressupõe-se que ele tenha realizado estudos na Europa e tenha chegado ao Brasil com bolas e um conjunto regras para a prática do esporte. Embora a história do futebol brasileiro mais difundida seja a supracitada, é importante ressaltar que existem outras versões, entre elas rumores de que as *peladas*³ realizadas na terra Tupiniquim ocorreram, na verdade, em 1875, ou seja, 20 anos antes de Miller ganhar o mérito.

O choque de informações ocorre devido à dificuldade de registros do século XIX, bem como o fato de que Charles Miller fazia parte da elite paulista, inclusive seu pai fundou o São Paulo Athletic Club e estava em todos os jornais da época, coincidência ou não, essas informações foram anexadas e registradas como documento, originando a lenda de que ele foi o precursor do esporte no país.

A história do futebol brasileiro tem algumas peculiaridades em relação a sua disseminação e prática no país e em outras partes da América Latina como por exemplo: no Uruguai e Argentina, respectivamente, o esporte teve suas raízes populares, por esse e por outros motivos pressupõe-se que o futebol uruguaio e argentino foi, por muito tempo, superior tecnicamente. Em contrapartida, no Brasil o esporte foi praticado apenas pelas elites e pessoas bem situadas, sobretudo a partir 1895 até o fim da terceira década do século XX, quando o esporte foi utilizado como instrumento de alienação. Nessa perspectiva, enquanto os operários gastassem suas

³ *Peladas*: é o nome dado no Brasil a uma partida recreativa de futebol com regras livres e sem preocupação com o tamanho de campo/quadra, condição dos calçados e uniformes, tempo de jogo, sendo tudo acordado de forma amigável pelos próprios jogadores

energias correndo atrás da bola, não pensariam em reivindicar melhores salários e condição de trabalho.

Segundo Anatol Rosenfeld (2013) as primeiras práticas do futebol de forma organizada foram organizadas por sócios de um clube inglês, no qual Miller era associado para a prática de ⁴*cricket*, onde se reuniam altos funcionários da companhia de gás, do banco de Londres e da São Paulo Railway. Posteriormente, em meados 1896, as primeiras práticas do futebol no Brasil que apareceram eram exercidas hegemonicamente por jovens das camadas superiores e, normalmente, filhos de fazendeiros que corriam a cidade para adquirir seus títulos de juristas. A primeira equipe puramente brasileira compôs-se de alunos da Mackenzie Colege de São Paulo.

Mario Filho (2010) em sua obra *O negro no futebol brasileiro* e Anatol Rosenfeld (2013) no livro *Negro, macumba e futebol* nos apresenta uma concepção muito pertinente, demonstrando que o futebol brasileiro era um privilégio do homem branco e de elite, essa ideia desperta debates entre estudiosos em função da falta de fundamento científico, todavia, essa tese é defendida por Gilberto Freyre no prefácio do livro de Mario Filho (2010) e ratificada nas páginas seguintes também por João Máximo. De igual modo, Luís Fernandes também faz referência à crítica de Mario Filho (2010) no que tange à questão racial atrelada ao futebol, para tal, o argumento que a Associação Metropolitana de Esportes Athleticos (AMEA) utiliza é de que não permitiria caracterizar os seus desígnios como racistas, nesse sentido, a contraposição se daria entre a defesa de formatos amadores ou semiprofissionais para o futebol.

Entretanto, a tese de Mario Filho está edificada no fato de que as estruturas do amadorismo estão interligadas à questão da origem social dos praticantes do futebol, na qual as mesmas estruturas privilegiavam os estudantes e candidatos a bacharel na prática do esporte, fator esse que era quase exclusividade dos brancos nas primeiras décadas do século XX. Ademais, o argumento de Filho também está firmado no depoimento de jogadores, trazendo assim a profundidade do preconceito social e racial de forma concreta.

Retomando a questão relacionada à chegada do futebol no Brasil, enquanto o esporte passava por etapas de implantação, Rosenfeld (2013) afirma que o futebol

⁴ Cricket ou críquete é um também oriundo da Inglaterra. O esporte em si é um pouco complexo e muito diferente de qualquer outro esporte, tendo regras muito específicas e a sua forma de jogar também, apesar de alguns alegarem que é semelhante ao beisebol.

na Europa, especialmente na Inglaterra, já estava consolidado e fadado ao profissionalismo, obviamente as duras penas e mediante muita resistência, nessa ótica o autor ainda endossa que a difusão do futebol no Brasil se apresenta como fruto colhido da Europa, à medida que as batalhas em prol do futebol já haviam sido travadas no velho continente e o Brasil, em meados de 1895 e 1900, tendia a aceitar tudo que vinha da Europa de braços abertos.

Vale a pena ressaltar que segundo Rosenfeld (2013) a Igreja Católica teve um papel importante na disseminação do futebol no Brasil, ao passo que com influência muito grande no cenário da época, além de não se opor a prática do esporte, vários padres impulsionaram a propagação do mesmo no Brasil, de tal maneira que o padre Manuel Gonzales teria fabricado a primeira bola de couro cru para que seus alunos do colégio Vicente de Paula (Petrópolis) pudessem se dedicar ao esporte.

Ainda em formato amador o futebol se difundiu no Brasil, sobretudo em São Paulo e no Rio de Janeiro, por volta de 1897, além do rito futebolístico no tom de diversão e lazer o futebol também estava dotado de um tom patriótico e nacionalista. Em relação às competições, os torneios ocorriam com equipes da mesma cidade ou basicamente do eixo Rio - São Paulo, sempre conservando o caráter amador e nobre do esporte. O caráter amador também é destacado por Mattar (2012), o autor sugere que os clubes que hoje são considerados gigantes do futebol brasileiro surgiram no primeiro quarto do século passado somente como instituições filantrópicas de outras modalidades esportivas como o remo, apenas para a prática amadora no país, e só mais tarde, com o crescimento das práticas futebolísticas é que se adentraram ao futebol.

O crescimento do esporte no Brasil acabou fazendo com que o remo, até então o esporte mais praticado na época, viesse a ser um esporte secundário, chegando a ser praticamente esquecido, em função disso, algumas equipes de remo tornaram-se clubes de futebol como é o caso do Flamengo, Vasco da Gama e Botafogo, o primeiro ainda com certa resistência em aderir o futebol como principal modalidade.

A prática do futebol no Brasil foi realizada pela primeira vez pelo então São Paulo Athletic Club, formado por colonos ingleses, mas o primeiro clube formado especialmente para a prática do futebol foi a Associação Atlética Mackenzie College, em 1898, tendo em vista que o São Paulo Athletic Club foi criado primeiramente para a prática de *Cricket*.

É perceptível o choque que o futebol proporcionou desde suas primeiras práticas organizadas no Brasil, desse modo, Rosenfeld (2013) destaca dois pontos importantes: o primeiro, um viés nacionalista inflamado pelo “complexo colonial”, esse princípio nacionalista pode ter uma relação direta com a Europa, uma vez que esse princípio se tornou marcante no final do século XIX no continente europeu. Ainda sobre o nacionalismo, tal princípio se demonstra muito palpável no rito do futebol nos dias de hoje se o relacionarmos ao fato de que quase todas as competições realizadas no país, sejam de campeonatos de clubes ou de seleções, historicamente faz parte do protocolo do jogo sempre cantar o hino nacional antes de a competição iniciar. O segundo ponto destacado por Rosenfeld (2013) está baseado no valor moral da prática do futebol enquanto esporte de elite, no qual esses valores estavam pautados no sentido da qualidade educativa do esporte, que segundo o autor contribuiu imensamente para a superioridade das nações anglosaxônicas.

O caráter europeu ditou, por muito tempo, os passos do futebol brasileiro, com raízes profundas dentro de nossa cultura e identidade desde os primórdios, de fato o futebol traz fragmentos desse domínio europeu dentro da história do Brasil. O julgo da Europa no futebol norteou o caráter do futebol brasileiro, nesse sentido, o esporte teria como foco a prática esportiva enquanto lazer e diversão, restrita a elite branca e europeia, fator esse que seria motivo de batalhas travadas ao longo de anos, a fim de mudar o curso do futebol brasileiro de um esporte restrito as elites, para um esporte de massa, sistematizado e profissional.

1.2 O profissionalismo do futebol no Brasil

Na concepção de Rosenfeld (2013), no terceiro capítulo de sua obra *Negro macumba e futebol*, ele deixa claro que a criação do *The Bangu Athletic Club* foi primordial para a democratização do futebol. Fundado por ingleses em 1904, Bangu, um subúrbio do Rio de Janeiro, foi sede de um fábrica de tecidos, essa colocou à

disposição um campo de futebol nas proximidades, entretanto, em razão da distância do subúrbio, os ingleses ficaram sem condições de montarem equipes ditas patrióticas e em função disso recorreram aos operários da fábrica.

Dessa forma, a equipe se popularizou rapidamente e os operários que mais se destacavam no esporte obtiveram privilégios como: licença para treinar, trabalho mais leve e possibilidade de promoção mais rápida. A presença do futebol estava tão acentuada e relevante na fábrica de tecidos que até a admissão na indústria estava vinculada a prática do futebol e, com o passar do tempo, a fábrica de Bangu estava sendo notabilizada mais pelo futebol do que pela sua função industrial.

Para Rosenfeld (2013) a importância do Bangu no processo de democratização do futebol se deu não somente em função de serem operários que praticavam o esporte e dessa maneira conseguiram se inserir no contexto do futebol, mas pelo fato dessa ser a porta de entrada das massas e das classes menos favorecidas a se inserirem nessa prática esportiva, além do fato de operários estarem jogando em time reconhecido no cenário esportivo da época. Então, a partir dessa porta de entrada, aberta pelo Bangu, é que trabalhadores, entre eles negros e pobres, puderam medir-se elementos da camada superior da sociedade na qual estavam estudantes de direito e medicina em sua quase totalidade.

O preconceito impregnado no futebol brasileiro estava em patamar tão demasiado que:

Em 1913 o Clube Paulistano rompeu a associação existente e fundou uma nova, na aparência por causa de um motivo insignificante, mas realidade porque queriam fazer uma "seleção rigorosa" e "exigir que as equipes" fossem integradas por "jovens delicados e finos".

Quando também a nova liga não se livrou totalmente dos elementos "de outras zonas" e, com isso concomitantemente pareceu ameaçada a pureza do sistema de amadores, o Paulistano tornou-se, em 1925, motivo para uma nova dissolução da federação. A despeito de seus brilhantes sucessos no setor de futebol, o tradicional clube retirou-se afinal totalmente desse esporte e hoje dedica-se –abstração feita de suas atividades puramente sociais– quase que inteiramente ao tênis. (ROSENFELD, 2013, p.83).

O preconceito racial e social estava diretamente ligado ao profissionalismo, pois com o mesmo cada vez mais próximo, o futebol brasileiro estava fadado à inserção das outras camadas da sociedade no contexto da prática esportiva. Entretanto, Rosenfeld (2013) aponta que um dos fatores que dificultaram a ascensão do futebol para as camadas mais pobres estava ligado a não alfabetização dos operários-jogadores, tendo em vista que a educação também estava restrita a elite,

segundo o autor esse fator foi tão relevante que os clubes se viram na necessidade de contratar professores para que os jogadores aprendessem pelo menos o básico, tendo em vista que para participarem das ligas superiores de grande relevância no cenário do futebol precisariam assinar a súmula.

Por fim, toda essa estrutura elitista que dominou o futebol brasileiro desde os primórdios começou a ser desfeita a partir de 1923. Luís Fernandes no livro de Mario Filho (2010) endossa que no Rio de Janeiro, então capital federal, o Vasco da Gama, que já estava consolidado como equipe de futebol, deu início a essa ruptura no campeonato do mesmo ano obtendo triunfo juntamente com o São Cristóvão, em 1926, e posteriormente o Bangu em 1933 alcançou tal conquista. Vale a pena destacar a importância o Clube De Regatas Vasco da Gama nessa mudança do futebol brasileiro, apesar de ter se tornado um clube de elite no cenário futebolístico atual, diferentemente do Bangu, e hoje ser um gigante do futebol brasileiro, o mesmo foi o primeiro time de elite a inserir o negro no futebol brasileiro. A relação do Clube de Regatas Vasco da Gama está vinculada a classes populares desde os primórdios, tanto que o estádio do clube está localizado em uma área em grande medida popular, do Rio de Janeiro, para além disso o estádio foi construído pelos próprios torcedores em uma campanha feita em 1927.

Desde então, depois de muita luta, a ruptura do futebol brasileiro se tornou algo mais concreto, não como um sonho ainda distante, bem como a inserção do negro no futebol brasileiro já fazia parte de uma realidade, sobretudo do próprio Vasco da Gama, ainda que enfrentasse muita resistência:

Os clubes finos de sociedade, como se dizia, estavam diante de um fato consumado. Não se ganhava campeonato só com times de brancos. Um time de brancos, mulatos e pretos era o campeão da cidade .contra esse time ,os times de brancos não tinham podido fazer nada. Desaparecera a vantagem de ser de boa família, de ser estudante, o branco tinha de competir, em igualdade de condições, com pé rapado, quase analfabeto, o mulato e o preto, para ver quem jogava melhor. (FILHO, 2010, p.11).

Tais conflitos foram tão importantes na reviravolta do futebol brasileiro que Rosenfeld (2013) definiu esse processo como “revolução das massas”, nessa perspectiva, nos conflitos das federações venceram aqueles que defendiam o futebol profissional, porém a luta em favor dessa profissionalização foi tão demasiada que ao ganhar o conflito entre os que preferiam o futebol amador e os que defendiam o futebol profissional, a vitória que mudaria de vez os moldes do futebol brasileiro ainda

passaria por uma tentativa de esvaziar o esporte e seduzir a atenção para outras práticas, tal tentativa obteve sucesso em pequena medida, mas a essa altura o futebol já tinha ganhado notabilidade nacional e como espetáculo alcançava a atenção de todos os círculos masculinos.

Vale destacar que as mídias, sobretudo jornais e rádios, tiveram um papel fundamental no crescimento e popularização do futebol e aniquilaram de vez a intenção de esvaziar o esporte em detrimento da sua profissionalização, uma vez que o serviço de expansão do futebol como evento se propagava com muito mais rapidez com a divulgação da mídia, de modo que a popularização dessa prática esportiva se tornou inevitável, conforme afirmam Mario Filho (2010) e Rosenfeld (2013).

Desde a criação da imprensa no país que se discute seu poder de manipular e ser formadora de opinião, com base nessa premissa, sobre a mídia e sua participação direta no futebol, jornalistas e pessoas ligadas ao esporte como Eurico Miranda, que atribuem à imprensa o crescimento das torcidas brasileiras, inclusive Eurico afirma que a “a mídia transformou o Flamengo em maior torcida”. Obviamente tal afirmação não tem muita relevância no cenário do futebol em si, nem significa que tal fato seja verdade, entretanto, não se pode desconsiderar tal tese, uma vez que o grupo Globo, que possui a maior emissora de televisão do Brasil e maior intensidade de frequência de sinal, integrando lugares de difícil acesso do território nacional, faz de suas transmissões poderosos atrativos influenciadores e, com base nesse princípio, tem o poder de elevar a popularidade de uma instituição e/ou equipe do futebol brasileiro.

Nesse contexto, a divulgação do futebol por parte da mídia se potencializou após a Copa do Mundo de 1950. Com base em Cardoso (1999) dois meses após a Copa do Mundo de 1950 um jornalista chamado Assis Chateaubriand colocou no ar a Tv Tupi, e logo em seguida foram transmitidas as primeiras partidas na televisão, ainda cercadas de muitas dúvidas já que os gastos em equipamentos para uma transmissão na Tv era estimado em 5 milhões de dólares e ainda muito precários, além disso, muitos funcionários não sabiam operar os equipamentos e as transmissões ainda não haviam obtido um patamar aceitável:

Alguns coleguinhas insistiam em inventar histórias como a do dia de inauguração [da TV Tupi]. Disseram que Chateaubriand havia arremessado uma garrafa de champanhe contra a câmera, quebrando-a. Não foi nada disso. Simplesmente, houve um defeito técnico e aqueles jovens ainda não

sabiam como lidar com o novo e extravagante equipamento. Tudo havia sido ensaiado com muito cuidado e com estilo americano de marcação para câmeras. Quando uma delas pifou, foi uma correria. Homero Silva, um dos mais importantes do rádio da época, precisou sair correndo de um estúdio para o outro. A câmera também. Inicia-se a improvisação brasileira. (CARDOSO, 1999 *apud* GASPARINO, 2013, p.21).

A exemplo da história do futebol em sua prole, o acesso a televisão também era restrito, já que ainda era uma tecnologia cara e exclusiva da elite naquela época, tal momento se estende até os dias de hoje, não no que diz respeito ao acesso a televisão em si, mas o acesso a conteúdos televisivos e canais que são restritos a elite, já que alguns conteúdos são condicionados ao pagamento de mensalidade, por exemplo, a TV a cabo e o *pay-per-view*, que no segundo caso trata-se de um conteúdo que, além da mensalidade, se prevê a compra de pacotes adicionais para acompanhar as partidas de futebol. Todavia, em 1954, o Brasil vivia a esperança de acompanhar a Copa do Mundo de 1958 pela televisão, nesse sentido, Ribas (2010) pressupõe que cerca de 38 mil aparelhos de TV já circulava no país, no entanto a tecnologia ainda deixava a desejar e o maior evento esportivo do mundo ainda era privilégio de poucos.

Outra novidade era a transmissão dos jogos do Mundial. Obviamente, isto estava sujeito às tecnologias da época, de modo que apenas oito países – Alemanha, Bélgica, Dinamarca, França, Holanda, Inglaterra, Itália e Suíça – poderiam ver os jogos ao vivo. Os outros (Brasil, entre eles) tinham que se contentar com o rádio. E as imagens eram todas em preto e branco, uma vez que não havia TV a cores. Além disso, houve a preparação de um filme oficial da Copa, algo inédito até então - e igualmente em preto e branco, embora já existissem filmes coloridos nos anos 1950. (RIBAS, 2010 *apud* GASPARINO, 2013, p.21).

A partir desse período as transmissões pela televisão se potencializaram, juntamente com os recursos adquiridos, e atualmente as transmissões de partidas de futebol são muito mais comuns e cercadas de interesses comerciais. O interesse em transmitir as partidas é tão grande que são travadas batalhas comerciais, de modo que os clubes, federações e /ou entidades leiloam o direito de transmissão, especialmente os jogos de grande apelo, por exemplo, a Copa do Mundo. Retornando ao profissionalismo do futebol, com base em Caldas (1989) que é referenciado por cientista⁴ Gief e Memofut, podemos identificar sobre sua ótica que a

⁴ *Cientista social é um dos responsáveis pelas publicações no site universidade do futebol e membro do Gief (Grupo Interdisciplinar de Estudos sobre Futebol), do Memofut (Grupo de Literatura e Memória do Futebol) e do NEHO (Núcleo de Estudos em História Oral). Disponível em <https://universidadedofutebol.com.br/o-negro-no-futebol-brasileiro-e-o-racismo-existente>

profissionalização do futebol brasileiro se deu também por questões políticas e econômicas, para o autor, a transição do futebol amador em profissional ocorreu ainda que de forma embrionária na década de 30, entretanto existem relatos de que em 1915 jogadores de São Paulo e Rio de Janeiro recebiam algum dinheiro para entrar em campo como forma de premiação, com o objetivo de incentivar e estimular o jogador, obviamente esse fato não caracteriza o profissionalismo do futebol, mas claramente pavimenta o caminho para tal acontecimento mais tarde.

Diante desse fato, Caldas (1989) destaca que as principais equipes do Rio de Janeiro estavam começando a ter perda técnica dentro de campo em função de seus melhores jogadores preferirem jogar fora do Brasil, tendo em vista que no exterior o profissionalismo do futebol já estava mais consolidado, todavia isso promovia a raiva do torcedor, que a essa altura já pagava ingresso e exigia um futebol de qualidade, tanto que os jogadores que não apresentavam uma boa atuação em campo eram vaiados pela torcida e, muitas vezes, substituídos durante o jogo. Normalmente esses jogadores eram nobres e obviamente não tinham interesse em se profissionalizar.

O profissionalismo no futebol brasileiro se deu também muito em função da dimensão que o futebol tomava e da movimentação que causava, à medida que se tornava um esporte popular e conquistava grandes multidões. Mediante o sucesso, logo o futebol também fomentou interesses políticos e econômicos, especialmente na criação de grandes eventos esportivos como no caso a Copa do Mundo. Nesse sentido, a profissionalização do futebol brasileiro relaciona-se diretamente aos interesses econômicos já que deixa de ser uma prática amadora para se tornar um espetáculo que movimentava não somente multidões, mas também começava a ser um produto que faz parte de um grande negócio.

O profissionalismo do futebol brasileiro sem dúvidas foi um passo importante para a evolução do esporte e para alcançar notoriedade. Argentina e Uruguai adotaram essa medida a fim de evitar que seus melhores jogadores, que em grande parte eram de origem italiana, fossem jogar em outros países, principalmente na Copa do Mundo. No entanto, João Máximo (1999, p.186) em sua obra *Memórias do futebol brasileiro* enfatiza que no Brasil o avanço da profissionalização teve como causa uma ideia conservadora e, por isso, os clubes perdiam campeonatos por se negarem a ter jogadores negros. Com os resultados negativos nas partidas decidiram então adotar um novo regime com as elites de Fluminense e São Paulo a frente, agregando

jogadores de qualquer raça e condição social, contratando como empregados, porém sem a necessidade de manchar seu quadro social. Nota-se, nesse contexto, que a profissionalização do futebol não foi um processo simples no Brasil, mas sim, como afirmara Mario Filho foi um processo “longo e penoso” tanto é que, em função disso, houve uma cisão do futebol brasileiro, que só foi resolvida em 1933.

Paralelamente ao profissionalismo do jogador de futebol, Mattar (2012), por intermédio de Glenda Bastos, pensa o futebol na perspectiva de suas condições de funcionalismo, ele indaga que com a popularização do futebol deu-se início também ao profissionalismo de pessoas ligadas ao futebol e que, de uma forma ou de outra, auxiliam na sua prática como médicos, preparador físico, e treinadores. Vale a pena ressaltar que árbitros e assistentes (bandeirinhas), apesar de indispensáveis para uma partida de futebol, até os dias de hoje não foram contemplados com o profissionalismo de sua categoria no Brasil.

Mediante o crescimento, profissionalismo do futebol, e vários fatores econômicos, o esporte estava sendo pensado por muitos como oportunidade de negócio, esse fato se consolidou com o Fluminense Football Club, a primeira equipe carioca, sendo também a primeira equipe a cobrar ingressos para uma partida de futebol no Brasil, realizada contra o Paulistano, nesse jogo aproximadamente 2500 pessoas acompanharam a partida, dentre elas figuras importantes da política, como o então presidente da república Rodrigues Alves.

Embora a historiografia do futebol seja muito pouco estudada, sobretudo no aspecto do profissionalismo, é evidente que o fator econômico contribuiu para que as partidas de futebol se tonassem espetáculos, principalmente na década de 50, com o advento da Copa do Mundo, todavia é bom destacar que como vimos anteriormente, o futebol não ganhou notoriedade repentinamente e foi somente com o passar dos anos que se tornou objeto de desejo do povo brasileiro, porém é notável que houve um divisor de águas no que diz respeito ao interesse que o futebol despertou, como afirma João Máximo (1999, p.184):

Quando e como o esporte terá virado paixão popular? É evidente que não aconteceu da noite para o dia. Mas na heroica vitória brasileira sobre uruguaiois, no final do Campeonato Sul-Americano de 1919, disputado no recém-inaugurado estádio do Fluminense, já havia menos de esporte que de paixão. Friedenreich marcou o gol da vitória na terceira prorrogação, foi carregado nos ombros da torcida pelas ruas da cidade, teve as chuteiras expostas numa joalheria e consagrou-se como ídolo maior, cognominado El

Tigre pelos adversários. O futebol nunca estivera tão na alma do povo. Dali em diante, a paixão só cresceria. Torcer tornar-se-ia quase uma religião.

O destaque do futebol no Brasil ultrapassava os limites do lazer e da diversão e adentrou em um contexto de cultura e identidade, como de fato o país é reconhecido hoje. Todavia, as relações do futebol enquanto cultura e identidade se relacionam de duas formas, como outrora já havia dito: o futebol enquanto esporte jogado, fazendo parte de costumes e paralelamente lazer e atividade física, fator esse que é palpável e perceptível na essência do povo brasileiro, tendo em vista que quase todo homem brasileiro cresce aprendendo a jogar futebol e é incentivado para tal, nas mais variadas formas. O segundo vai ao encontro da tradição de assistir futebol, esse muito mais presente na sociedade brasileira e muito mais perceptível e vinculado ao primeiro ponto, uma vez que o brasileiro que joga a tradicional *pelada* é o mesmo que assiste ao futebol, nessa concepção a tradição do futebol extrapola os limites da racionalidade em um misto de alegria, raiva, emoção tudo em um só momento.

Todos esses sentimentos, de forma direta ou indireta, dizem muito sobre a identidade do brasileiro, no que diz respeito à racionalidade, o futebol proporciona até mesmo a perda dessa, sobretudo quando o torcedor comete crimes, violência e perda de relações interpessoais em razão do futebol. Diante disso, fica claro que o futebol que resulta nas emoções e ações supramencionadas não está condicionado ao futebol enquanto prática esportiva de lazer/diversão, mas sim ao futebol que representa a cultura e a identidade do povo brasileiro, e que extrapola os limites da racionalidade e até de valores morais em detrimento do esporte.

1.3 O racismo no futebol brasileiro

A coexistência do racismo na sociedade brasileira geral e no futebol vai ao encontro de um projeto de *embranquecimento* do esporte, de modo a ser disseminado por estudantes de classe alta da cúpula inglesa, de igual modo promover a busca pela ordem social causada pela abolição da escravatura em 1888 e pela proclamação da república em 1889. Segundo Marcelo Carvalho (2015), tal princípio se notabiliza pelo fato de que no final do século XIX a Europa vivia o apogeu do pensamento racial em que a miscigenação era considerada a razão da miséria e do atraso brasileiro, como

afirmou o zoólogo suíço Louis Agassiz ao visitar o Brasil em 1865: “Que qualquer um que duvide dos males da mistura de raças [...] venha ao Brasil, pois não poderá negar a deterioração decorrente da amálgama das raças mais geral aqui do que em qualquer outro país do mundo”. O sociólogo Mauricio Murad *apud* Marcelo Carvalho (2015, p.19) define que: “Uma longa e profunda herança colonialista e escravista pesava ainda nas nossas estruturas sociais, nas nossas instituições” e o futebol absorveu, diretamente e/ou indiretamente, essas influências.

Vale a pena ressaltar que o futebol brasileiro moldava-se pela elitização baseada em virilidade e preconceito racial, entretanto a prática do futebol por negros não era proibida em sua totalidade de forma recreativa e amadora, pelo contrário, também era utilizado como uma política de pão e circo⁵, no entanto o preconceito enraizado no futebol brasileiro fica evidente através da omissão e subserviência em criar condições para que o esporte também fosse praticado por negros e proletariados em princípio de igualdade. Em um primeiro momento, há quem negue a situação de racismo no futebol, embora essa tese já esteja muito desconstruída.

Existe ainda outra problemática: a participação somente do homem no futebol. Estudiosos alegam que a não inserção da camada feminina no futebol brasileiro se dá não por questão de gênero ou preconceito, mas firmada no fundamento da violência do futebol em sua prática e a necessidade da força física e resistência, nesse sentido, a mulher estaria sendo preservada da violência no futebol de modo que a figura feminina era vista como frágil e delicada.

A fase de transição da sociedade para uma democracia, bem como seus avanços naturais, sem dúvidas contribuiu para inserção do negro no futebol, entretanto o profissionalismo foi o evento que mais contribuiu para esse feito, principalmente pela falha miserável no projeto de evitar a miscigenação do Brasil com outros povos. Como consequência, no início do século XX, tem-se o primeiro grande ídolo do futebol no país, que foi justamente um mulato. Filho de alemão com uma brasileira negra, Arthur Friedenreich se tornou o maior jogador na época do futebol amador no Brasil, ele foi

⁵ A política do pão e circo (*panem et circenses*, no original) como ficou conhecida, era o modo com o qual os líderes romanos lidavam com a população em geral para mantê-la fiel a ordem estabelecida e conquistar seu apoio promovendo distrações como comida e entretenimento para apaziguar a população.

o autor do gol que consagrou a seleção brasileira campeã sul-americana em 1919 e, posteriormente, na Copa do Mundo de 1958, quando Pelé se fez protagonista.

Mesmo diante dessa realidade, o preconceito ainda se fazia presente na sociedade brasileira em geral, partindo desse ponto é inimaginável pensar o futebol como ambiente a parte. Filho (2010, p.16) descreve esse processo como “penoso e longo” no que diz respeito à democratização do futebol brasileiro, em concordância com o jornalista Marcelo Carvalho (2015) que, apesar de sucinto, ilustra esse processo ao citar o exemplo de 1921, quando Epiácio Pessoa, então presidente da república, se reuniu com os chefes da Confederação Brasileira de Desportos (CBD) para pedir que apenas jogadores de pele clara e cabelos lisos fossem convocados, tal fato ainda que negado publicamente se concretizou com a convocação sem nenhum negro dentro do elenco brasileiro para os jogos seguintes.

Marcelo Carvalho (2015) ainda sugere que apesar de toda essa perseguição contra o negro, os mesmos se destacavam pela singularidade presente em suas práticas futebolísticas, marcadas pelo estilo próprio de magia e arte do futebol brasileiro. O autor destaca que o negro era amplamente mais habilidoso com a bola, imprimindo dribles em pouco espaço e mais ginga, reinventando e superando as condições ruins dos campos de várzea. Diante desse cenário e da precoce eliminação da seleção brasileira, perdendo dois dos três jogos que disputou e também por causa do desnível técnico entre os jogadores brancos e negros, não demorou muito para que os cartolas deixassem o preconceito em segundo plano e aceitasse atletas negros no futebol. Entretanto, não seria tão simples inserir o negro no futebol, mesmo comprovando sua qualidade técnica superior, tendo em vista que futebol em caráter amador dificultava as práticas do esporte, uma vez que os negros proletariados não teriam condições de manter o seu sustento nas fábricas e ainda suportar um segundo desgaste físico gerado pela prática do futebol.

Marcelo Carvalho (2015) também enfatiza que a solução encontrada pelos dirigentes foi criar funcionários-fantasma e esses teriam vantagens por serem jogadores-operários, no entanto, já existia um clamor pela profissionalização do futebol, visto que alguns atletas já estavam sendo remunerados, mesmo que de forma precária dentro de uma realidade do falso-amadorismo. Os jogadores recebiam premiação denominada de “bicho”, que não era permitida pelos regulamentos da época, mas com a popularização do esporte, em 1920, alcançando todas as classes

sociais, os clubes foram induzidos a ignorarem as regras até o esporte se tornar profissional em meados de 1933.

Rosenfeld (2013) é mais preciso em toda essa questão ao detalhar pormenores como funcionava o pagamento por “bicho”:

Já muito cedo - talvez desde 1910 – a necessidade de atrair elementos pobres tornou o pagamento de “bichos” imperativo (o termo provavelmente vem do jogo do bicho); conforme o êxito, os jogadores recebiam um “cachorro”(5 mil-réis, na moeda da época), um “coelho” (10 mil réis), um “galo”(50 mil réis), uma “vaca” (100 mil réis , e assim por diante. Essas gorjetas tiveram como efeito perigoso o fato de que muitas vezes desviavam jovens mais bem colocados de uma carreira segura. Mesmo quando lhes era arranjada uma colocação, o número daqueles que realmente que realmente visavam ao assumi-las não era muito grande. (ROSENFELD, 2013, p.85).

Todo contexto do negro no futebol brasileiro extrapola os limites das quatro linhas, tendo em vista que os jogadores não representavam somente a si mesmos, mas um clube, uma cidade, um estado, a pátria e, sobretudo, uma nação que se identifica com o esporte e que torce entusiasticamente. Segundo Mario Filho (2010), especificamente dentro de campo, a busca do negro pela manutenção de sua conquista se tornava diária. Para Filho o processo de inserção do negro no universo do futebol ganhou traços de guerra:

E fácil imaginar a pressão exercida sobre o jogador, branco, mulato ou preto. Mais sobre o mulato e o preto que envolvem mistura racial em que caldeia o brasileiro. O futebol desencadeia uma luta entre clubes, que é seu cotidiano. A tal ponto que se chamou a essa luta de guerra. O jogador era o soldado, a carne do canhão, embora alguns fossem generais, deuses das batalhas. Muito jogador não resistiu a essa tensão permanente, verdadeiro stress. (FILHO, 2003, p.17).

Mario Filho (2010) destaca em sua crônica que, ainda que as Copas do Mundo de 1950 e 1958 tenham sido primordiais na consolidação da inserção do negro no futebol, a primeira causou um recrudescimento do racismo à medida que o negro, já presente no elenco futebolístico, na então copa de 1950 foi considerado responsável pelo fracasso da seleção brasileira na competição no celebre Maracanazo ⁶ haja vista que negros do time como: Barbosa, Juvenal e Bigode sofreram inúmeras críticas também alavancadas pelas expectativas em função da qualidade técnicas dos mesmos. A segunda, com o tão sonhado campeonato mundial

⁶ “Maracanazo” é uma expressão usada em alusão à partida que decidiu a copa do mundo de 1950 a favor da seleção Uruguiaia por 2 a 1, deixando os brasileiros desolados, essa partida foi realizada no estádio do Maracanã e é considerada um dos maiores reveses da história do futebol e das copas do mundo.

conquistado em 1958, evidenciou dois personagens que se elegeram ídolos: o preto Pelé e o mulato Garrincha, curiosamente o mesmo espaço de tempo separa a escolha de ídolos nacionais do futebol brasileiro: dezenove anos entre Friedenreich e Leônidas e Pelé e Garrincha.

Para além do contexto do rito futebolístico propriamente dito, a relação racial entre o negro e o futebol também é tema de muito debate fora dos campos. A discussão entre antropólogos, literatos, jornalistas e pessoas ligadas ao futebol se desencadeiam no debate sobre o esporte e ajudam a entender o panorama sobre os estudos dessa questão desde o final do século XIX, se alongando até as primeiras décadas do século passado.

A contribuição de Mario Filho é indispensável, ao discorrer sobre os desembarços sociais ligados a questão racial em sua celebre obra: *O negro no futebol brasileiro*, publicada em 1947. Tal obra apresenta elementos contundentes para o debate, assim como os capítulos e edições seguintes, que retratam muito bem a relação racial no período que antecedeu a Copa do Mundo de 1950, sobretudo porque Filho (2010) elencou e viveu o período mais sombrio da relação do negro com o futebol no Brasil, mas também ratifica sua obra com entrevistas diretas com pessoas que vivenciaram cada momento de forma prática, pressupondo a realidade dos fatos na perspectiva da oralidade.

A crônica de Mario Filho ao aproximar-se da realidade consegue clarear o contexto histórico e social ao qual se propõe relatar, não deixando margem para dúvidas quanto a presença, ou não, de preconceito racial no ambiente do futebol brasileiro. A oralidade e pertinência presente na obra busca também, de forma documental, esclarecer e enfatizar a questão racial no contexto futebolístico elucidando a importância do negro, tanto processo de profissionalização do futebol brasileiro como na conquista da copa do mundo de 1958, desencadeando novos elementos a serem discutidos.

Cesar Gordon Júnior (1996) referenciado por Tonini (2010) em *Além dos gramados: história oral de vida dos negros no futebol (1970-2010)* também analisa a relação racial do futebol brasileiro, entretanto como antropólogo, Júnior não enfatiza a importância do contexto jornalístico e, embora tenha utilizado a obra de Mario Filho (2010), seu enfoque principal está na história do negro dividido em três eixos de discussão: 1. A democratização do futebol desde a implantação do esporte no Brasil,

período em que a aceitação do negro no futebol era quase nula; 2. A Copa do Mundo de 1950, evento no qual a derrota da seleção brasileira teria retomado o debate sobre a deficiência da raça brasileira pelo fato de ser mestiça e assim centralizando a culpa no negro pelo “maracanazo”; 3. A consagração do tricampeonato em 1970, e o coroamento de Pelé como maior ídolo de todos os tempos e, em contrapartida, enfatizar a importância do negro (Pelé) e a chamada “revanche do preto”, assim definida por Mario Filho (2010).

Nessa concepção, o autor defende a ideia do futebol como instrumento de democratização entre raças no Brasil, no qual as Copas do Mundo de 1950, 1954 e 1958 tiveram um papel preponderante, mas ocorre em processo lento e desalinhado de inserção social das massas, diferentemente de Mario Filho (2010) que defende que esse processo está em alinhamento total com a ascensão das massas assim como o processo ocorreu paralelamente a profissionalização e inserção do negro.

Durante um século, desde sua introdução aqui, o futebol funcionou como elemento integrador (louvando as características supostamente negras e mestiças do nosso futebol, como “ginga”, “malícia” e “arte”) ora como diferenciador (ressaltando as velhas ideias de inferioridade negra, incapacidade). Conquistas e derrotas brasileiras em nível mundial marcava os avanços e recuos do processo. As derrotas servindo para acentuar preconceitos e ratificar estereótipos (quando negros e mulatos – e em momentos mais extremos, apropriada nação por ser considerada híbrida ou mestiça – eram diretamente responsabilizados pelo insucesso esportivo no país). As vitórias, entretanto servindo como instrumento de democratização e maior aceitação da participação dos negros e mestiços na vida social e econômica. (JÚNIOR, 1995 *apud* TONINI 2010, p.73).

Com base no antropólogo Lívio Sansone (2007) referenciado por Marcelo Tonini (2010), as relações raciais estão dentro de uma teoria de áreas “duras”, já no contexto das relações raciais no futebol brasileiro está associada a áreas “leves” ou “moles”, nessa perspectiva e trazendo para realidade do futebol brasileiro, são aqueles espaços em que ser negro não determina empecilho, é onde negros e não negros convivem em um ambiente relativamente livre de tensões raciais. Em determinados casos ser afrodescendente pode até trazer prestígio, como por exemplo, no candomblé, na capoeira e em blocos afro. No contexto do futebol, Gordon Júnior (1999) referenciado por Tonini (2010) classifica a história do futebol brasileiro como um processo de um domínio “duro” para uma área “mole” das relações raciais, essa afirmação é moldada na possibilidade de ascensão social por intermédio do futebol.

Na visão de Luís Onofre Meira ⁷ em entrevista concedida a Tonini (2010) ele diz que Pelé teve um papel primordial no processo de inclusão do negro no futebol brasileiro, principalmente no período pós-copa, não somente por ser negro, mas em razão de sua qualidade técnica, conduta e representatividade, ainda segundo o entrevistado esse fato também está ligado aos negros não sofrerem preconceito, ao seu ver, nesse meio, ele ainda afirma que a questão racial não prejudica sua participação e em seguida recorre a qualidade técnica do negro como fator preponderante para a não discriminação.

Não existe o racismo também. Até pela qualidade técnica dos negros. As vezes, são até superiores na comparação com jogadores brancos. Inclusive acho que eles encontram um espaço no futebol onde se sentem seguros, reconhecidos e têm resultados extremamente positivos'. (Luís Onofre Meira *apud* TONINI, 2010, p.408).

Notamos aqui, nas palavras do cartola, uma negativa sobre a existência do racismo dentro do ambiente do futebol, porém tal negativa se torna insustentável diante das evidências de Mario Filho (2010) e Anatol Rosenfeld (2013), para todos os efeitos, o próprio Tonini (2010) ao analisar o futebol em sua totalidade e por meio das práticas sociais envolvidas, ratifica que a concepção de Onofre perde força, principalmente pelo fato de sua análise não contemplar o universo do futebol como um todo, bem como toda sua complexidade em todos os setores que norteiam o esporte, onde inegavelmente as tensões raciais acontecem frequentemente.

Por fim, Tonini (2010) firmado pela ótica de Lívio Sansione, indaga que o futebol brasileiro pode ser analisado como uma área “mole” das relações raciais em comparação a outras esferas do trabalho, olhando por dentro conclui-se que sua estrutura profissional também segue a linha de uma rigidez, fato esse que explica vários casos de racismo ocorridos em diversos setores do futebol. Ao contrário da posição de jogadores com exceção dos torcedores, outras funções não contam com a mesma quantidade de negros.

A discussão sobre o futebol em sua prática contempla uma série de reflexões como vimos aqui, vale destacar que as visões de Filho (2010) e Rosenfeld (2013)

⁷ Luiz Onofre Meira foi um renomado dirigente entrevistado por Marcel Diego Tonini sobre a questão do racismo no futebol brasileiro

demonstram-se sucintas do ponto de vista acadêmico para pensar o futebol como um todo, levando em consideração o alinhamento de ideias dos dois autores.

Entretanto, podemos notar também uma discrepância de abordagem que coloca em cheque as análises, não no sentido da relevância e qualidade de suas obras, mas no ponto de vista histórico que aumenta e qualifica o debate sobre o futebol e seus modos operantes no século XX. Primeiramente destaca-se o período em que as obras foram publicadas e também o período de coleta dos relatos que as compõem. Filho (2010) traz uma abordagem vivida pelo mesmo em meados de 1950, que na condição de jornalista buscou comprovar os fatos através da oralidade presente em sua crônica e entrevistas com pessoas que vivenciaram os fatos narrados por ele, assim o objetivo de Filho (2010) era a busca pela informação atrelada a verdade.

Rosenfeld (2013) faz uma abordagem diferente, ele bebe na fonte de Filho (2010) mas, em contrapartida, utiliza a obra para enfatizar e incrementar sua própria escrita, comportando-se como exímio historiador e crítico. Partindo do ponto que Rosenfeld (2013) não procura a busca pela verdade, o que seria inimaginável para um historiador, mas critica os modos operantes que permeavam o futebol brasileiro, pensando a partir do Brasil pós-abolicionista, em um contexto que o país se transformava em república no período anterior à constituição federal, ao mesmo tempo sua abordagem temporal se dá a partir do Brasil-Colônia de Pedro Álvares Cabral e sua abordagem é nesse contexto.

Como vimos até aqui, a história do futebol brasileiro desde sua implantação no Brasil, passando pela profissionalização até chegar aos dias de hoje desencadeou diversos processos de evolução, superando inúmeros entraves políticos, questões raciais e diversas situações adversas até se tornar símbolo da cultura e da identidade brasileira. Assim, o futebol brasileiro transcende a barreira da prática esportiva e se comporta como um elemento muito mais profundo na sociedade. No capítulo seguinte abordaremos de forma mais enfática essa questão cultural e de identidade do futebol brasileiro, além de discorrer sobre a questão econômica em detrimento da indústria cultural e de massa.

2 FUTEBOL BRASILEIRO, ECONOMIA E A INDÚSTRIA CULTURAL.

Neste capítulo abordaremos o futebol brasileiro no âmbito da economia, e como ele se tornou um fenômeno mercadológico dentro do contexto da indústria cultural. Em seguida estabeleceremos uma relação entre a cultura de massa e discussões identitárias, bem como buscaremos entender o diálogo da cultura com as transformações ocorridas na história do futebol brasileiro, especialmente no universo em torno da Copa do Mundo de 1950, considerando este esporte o mais praticado em todo mundo, os efeitos da globalização e a imposição do futebol europeu, buscaremos compreender os impactos da cultura de massa tal como indicado pelos dois autores da escola de Frankfurt, Theodor Adorno e Max Horkheimer. Para tanto, procuraremos identificar as nuances entre o futebol como fenômeno popular de elite e de massa.

2.1 Cultura e identidade: reflexões e diálogo com o futebol brasileiro

A reflexão sobre identidade cultural nos permite pensar em diversas abordagens produzidas a despeito do tema sob a perspectiva de vários pensadores, esses nos ajudarão a pensar o conceito de identidade para posteriormente aplicarmos suas ideias ao contexto do futebol brasileiro como cultura e identidade. Para tais reflexões focaremos em três estudiosos, são eles: Stuart Hall, Roberto Da Matta e Sérgio Buarque de Holanda.

O primeiro, na sua obra *A identidade cultural na pós-modernidade*, nos traz uma reflexão sobre identidade cultural, baseado em três concepções: na primeira, Hall (2006) pensa a identidade sob o prisma iluminista, no qual a ideia de identidade estava atrelada ao caráter individual do sujeito, desse modo, a identidade cultural estava centrada a partir do nascimento e desenvolvimento do indivíduo no decorrer da sua vida na medida que se adquire capacidade cognitiva de razão, de consciência e de ação, assim, o centro essencial do "eu" era a identidade de uma pessoa.

Na segunda a concepção de Hall (2006) denomina-se o sujeito sociológico em que a noção de sujeito refletia a uma complexidade crescente do mundo moderno e a consciência de que esse núcleo interior do sujeito não era autônomo e autossuficiente, mas era formado na relação com outros indivíduos importantes para ele, esse mediava

os valores, sentidos e símbolos para o sujeito, nesse sentido, o princípio individualista do sujeito se perde a medida que a interação com outras culturas se torna presente.

Na terceira, Hall (2006) define a concepção como pós-moderna, nessa concepção o sujeito se apresenta como portador não de uma identidade fixa, essencial e permanente, mas como uma identidade mutável continuamente, em relação às formas pelas quais somos representados nos sistemas culturais que nos norteiam, nesse sentido, a identidade estaria interligada ao fator histórico e não biológico, assim, a mutabilidade da identidade se comporta assumindo várias identidades em momentos diferentes.

Pensar a identidade nacional a partir de Hall (2006) nos remete a refletir tal fenômeno sobre a ótica da globalização no sentido de que a troca de experiências entre culturas, nos mais diferentes ambientes, acaba por tornar a identidade cultural efêmera, sobretudo quando analisamos a questão cultural voltada para o sujeito pós-moderno, onde as relações sociais estão totalmente comprimidas com a troca de conhecimento e informações em função das novas tecnologias e da globalização.

A análise de Hall (2006) sobre a cultura nacional se estende à medida que o mesmo pensa a identidade cultural pelo prisma das relações representativas, desse modo, a representação cultural se dá por meio de símbolos e discursos que são manifestos sobre os povos dando sentidos que explicam nossa identidade. Em suas palavras:

As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um discurso - um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos [...]. As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre "a nação", sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas. (HALL, 2006, p.50-51).

Vemos aqui que além da cultura nacional produzir sentido a nação, ela também se relaciona com o passado, com o intuito de intercomunicar com a temporalidade atual, nesse sentido, a memória se relaciona diretamente ao princípio da identidade e cultura nacional.

Ademais, Hall (2006) afirma que a identidade nacional se dá pelas relações intermediadas pelos meios culturais, sendo assim, independe de fatores genéticos e/ou biológicos, dessa forma, as relações de identidade, sobretudo na concepção pós-moderna está atrelada as representações culturais nas quais símbolos, religião, e determinados povos se comportam como tal figura nacional e de identidade.

O futebol brasileiro se relaciona com o conceito de Hall (2006), principalmente ao pensarmos a identidade no contexto da pós-modernidade no qual se pensa a identidade cultural de forma desarticulada e móvel, nesse sentido a identidade pode ser transitória e mutável:

Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora "narrativa do eu" (veja Hall, 1990). A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente. (HALL, 2006, p.13).

A prática do futebol brasileiro vai ao encontro do pensamento de Hall (2006) no sentido de que com crescimento do futebol, principalmente nos dias atuais, a identidade do futebol brasileiro em sua prática comporta todo um hibridismo cultural, mergulhado em influências de outras culturas. Nesse sentido, as relações de identidade do futebol tornam-se não mais fixas, estreita e restrita somente ao contexto brasileiro, mas a identidade se descentraliza formando assim outras culturas em âmbito mundial, sendo o futebol um dos motivos para o choque de culturas. A globalização citada por Hall (2006) também explica em grande medida o hibridismo cultural, de modo que tal fenômeno contribui para uma relação estreita entre culturas e facilita o contato mais rapidamente.

Diante de tais constatações, no que se refere ao hibridismo cultural e do fenômeno da globalização, vale destacar que o fato da cultura se estender além das fronteiras nacionais, tornando a identidade cultural muito mais dissociada, torna muito complicado estabelecer uma única identidade nacional, dessa forma o futebol brasileiro também está atrelado a esse fator, principalmente quando analisamos o jeito brasileiro de jogar, que atualmente está muito mais voltado ao futebol europeu, sendo mais tático do que técnico, do que era, por exemplo, na década de 1950, quando o

futebol brasileiro representava de forma mais pertinente a cultura e a identidade brasileira e esse não estava ainda tão embebecido de influências europeias.

Segundo Hall (2006) o aspecto da globalização está diretamente ligado à questão da identidade, a saber, a relação da identidade acarreta mudanças e impacta direta ou indiretamente sobre a identidade cultural, nesse sentido as transformações causadas pela globalização, sobretudo na quarta revolução industrial, tem como resultado uma mudança no tempo, no espaço e também no comportamento da sociedade. Partindo dessa premissa, pressupõe-se que a globalização descrita por Hall (2006) potencializou o futebol como fenômeno cosmopolita, sendo ele enriquecido de outras culturas na contemporaneidade, além disso, o esporte trouxe todo hibridismo nas relações de cultura e identidade, principalmente através de eventos esportivos de cunho mundial como é a Copa do Mundo.

A partir do olhar sociológico de Hall (2006) podemos pensar o futebol quando o mesmo pensa a identidade na concepção do sujeito pós-moderno, desse modo, a abordagem do autor reflete uma identidade não fixada pelas relações culturais, sendo assim, a relação com o meio interfere diretamente no fanatismo do torcedor brasileiro. Ao observar o processo pelo qual a educação no âmbito familiar é formada, a concepção de Hall (2006) ratifica nitidamente esse fato, com efeito, essa concepção é corroborada por Silva (2005) ao afirmar que o fenômeno futebol é tão latente no que diz respeito a relação do torcedor brasileiro que quando nascemos recebemos o nome, religião e um time de futebol.

[...] o pai, ao educar o filho, apresenta-lhe, às vezes até de forma arbitrária, uma proposta de vida. Por trás dessa proposição estão as experiências vividas, uma concepção de homem, de mundo e de sociedade e o desejo do que há de melhor para o caminho desse filho. Assim acontece na escolha da religião, da profissão, do clube para qual se deve torcer e em outras escolhas. (SILVA, 2001 *apud* SOUZA, p. 6).

O segundo autor, em sua obra *O que faz meu Brasil, Brasil?* Matta (1986), pensa a identidade brasileira na dualidade de dois países representados por imagens distintas: no primeiro a identidade brasileira estaria associada a um país objeto onde o *brasil*, assim escrito com letra minúscula representa um centro comercial a ser comprado e vendido, nessa abordagem Matta(1986) faz alusão ao Brasil quando ainda era colônia de Portugal e objeto comercial e também em momentos subsequentes da história, no qual o país era apenas explorado por potências europeias e, ao mesmo

tempo, o autor relaciona esse período como fator principal de que, na sua concepção, o Brasil não possui uma identidade própria. No segundo, a concepção de Matta (1986) atribui ao país um conjunto de culturas, costumes e crenças que acompanha a sociedade e que faz do Brasil único e diferente de países europeus e norte-americanos, nesse sentido, o Brasil deixaria de ser objeto comercial passaria a alcançar reconhecimento internacional, criando sua própria história, bem como sua própria cultura e identidade fora dos moldes europeus.

Para abordar a identidade cultural brasileira em sua integridade e complexidade Matta (1986) pensa o Brasil a partir de uma nação homogênea, apesar do extenso território brasileiro os costumes, bem como comida, crenças e músicas revelam os moldes da cultura brasileira, assim como a mestiçagem e a mulher brasileira são traços bem específicos do Brasil, além de atitudes e reações no famoso “jeitinho brasileiro”, que o autor chama atenção e reitera que não são presentes em outros lugares, sobretudo na Europa e os Estados Unidos. A concepção de Matta (1986) sobre a identidade brasileira se desenvolve de forma coletiva e individual nas mais variadas atitudes, que para o autor manifestam o caráter cultural único brasileiro. De forma simples essa manifestação se faz presente no Brasil, por exemplo, no ato de comer:

Quero me referir à distinção entre comida e alimento, que é tão importante no sistema social brasileiro. Realmente, para nós, saber comer é algo muito mais refinado do que o simples ato de alimentar -se. Os americanos, sabemos, inventaram a chamada “fast food” (alimento rápido) e, por causa disso mesmo, podem comer em pé, sentados, com estranhos ou amigos, sós ou acompanhados. Comem também misturando o doce com o salgado, e uma de suas preocupações básicas é, com raras exceções, comer para viver; comer, entre eles, é um ato que pode ser profundamente individual. Para nós, brasileiros, nem tudo que alimenta é sempre bom ou socialmente aceitável. Do mesmo modo, nem tudo que é alimento é comida. Alimento é tudo aquilo que pode ser ingerido para manter uma pessoa viva; comida é tudo que se come com prazer, de acordo com as regras mais sagradas de comunhão e comensalidade. (MATTA,1986, p.36-37).

De acordo com Matta (1986), o sentido da comida brasileira não está ligado somente em saciar a fome, mas também no prazer de comer, sendo esse um sentido muito mais profundo no Brasil do que nos Estados Unidos. Ao associar fome ao prazer Matta (1986) também relaciona esse sentido ao prazer sexual, no qual o mesmo

recorre ao termo *comer* de maneira soez, utilizando essa metáfora para designar uma relação sexual onde um *come* e o outro é comido:

O fato é que as comidas se associam à sexualidade, de tal modo que o ato sexual pode ser traduzido como um ato do “comer”, abarcar, englobar, ingerir ou circunscrever totalmente aquilo que é (ou foi) comido. A comida, como a mulher (ou o homem, em certas situações), desaparece dentro do comedor – ou do comilão. (MATTA, 1986, p.40).

Ademais, a reflexão do autor remete-nos a pensar os motivos que levam a sociedade brasileira a ter esse caráter, no qual o homem brasileiro tem uma forma específica de se comportar nos mais diferentes ambientes, mantendo os valores estabelecidos pela cultura tradicional e pelos meios sociais, principalmente quando moldados pela família. A concepção de Matta (1986) sobre o caráter da identidade brasileira nos dá a ideia do quanto a cultura pode ser diversificada e, ao mesmo tempo homogênea, e tais características são fundamentais para explicar pormenores a tamanha complexidade da cultura e da identidade brasileira.

De igual modo, o futebol brasileiro remete diretamente ao conceito de identidade do Brasil quando pensamos na perspectiva de Matta (1986) sobre os fatores culturais e sociais, uma vez que a prática do esporte pressupõe a forma única e brasileira de jogar futebol, nesse sentido o esporte se torna, de fato, a identidade brasileira totalmente dita, a medida que sua prática no Brasil se destaca muito mais pela individualidade e capacidade de improviso no que tange ao drible do que pela parte tática, coletiva e física, que é mais característica do futebol europeu, como afirmara o próprio Matta (1982, p. 27) :

Paralelamente a essa diferenciação, sabemos que o futebol brasileiro se distingue do europeu pela sua improvisação e individualidade dos jogadores que têm, caracteristicamente, um alto controle da bola. Deste modo, o futebol é, na sociedade brasileira, uma fonte de individualização e possibilidade de expressão individual, muito mais do que um instrumento de coletivização ao nível pessoal ou das massas. Realmente, é pelo futebol praticado nas grandes cidades brasileiras, em clubes que nada têm de recipientes de ideologias sociais, que o povo brasileiro pode se sentir individualizado e personalizado.

As reflexões sobre identidade e sua relação com o futebol presentes em Matta (1986) também nos remete a pensar a identidade brasileira pelo prisma social, principalmente se analisarmos o papel social do futebol desde sua chegada no país até a contemporaneidade, tal papel se estende ao ampliarmos a discussão e

atentarmos a questão social descrita por Matta (1982) em sua obra *Universo do futebol* para a relação cultural, nesse seguimento o futebol proporciona uma diminuição dos problemas sociais à medida que o esporte é querido por todos de diferentes níveis sociais, raças e religiões. O futebol eleva todos ao mesmo patamar de igualdade e justiça social quando torcem juntos e ao mesmo tempo escancara as diferenças sociais e comportamento da sociedade brasileira, quando a mesma, principalmente a elite, se nega a cumprir as regras por causa do seu poder financeiro:

É que as nossas elites, eu presumo, não estão acostumadas a jogar. Ao contrário, elas odeiam o jogo. Por que? Porque certamente o jogo significa basicamente ter de se submeter a regras que valem para todos. Realmente, o ponto crítico e o traço distintivo do jogo é a noção fundamental das regras para todos e uma aceitação da ideia de justiça (que legitima o perdedor e o ganhador) e individualidade (quem perde é você, não a sua classe, família ou segmento social). Tudo isso, eu sustento, o futebol apresenta de modo implícito e humildemente a uma sociedade que tem jogado muito mal pelas regras universais. (MATTA, 1982, p.16-17).

Por fim, a concepção de Roberto da Matta em suas respectivas obras: *O que faz meu Brasil, Brasil?* e, *Universo do futebol* nos permite uma abordagem densa acerca do futebol brasileiro e como suas fontes identitárias, sobretudo sociais, se relacionam com a cultura popular e como elas estão interligadas a fatores políticos e sociais.

A reflexão de Sergio Buarque de Holanda também nos traz uma concepção muito relevante para pensarmos no conceito de identidade, em sua obra *Raízes do Brasil*, Holanda (1995) como o próprio título sugere, aborda onde as raízes identitárias do Brasil estão firmadas. Para essa reflexão, Holanda (1995) introduz um conceito que foi, por muito tempo, central na história da sociologia brasileira: o *homem cordial*. Nessa perspectiva, a ideia de homem cordial pressupõe a imagem mais exata do que é o brasileiro em sua essência, um sujeito historicamente estruturado sobre um viés patriarcal e com uma tendência a aceitar os moldes religiosos, principalmente do catolicismo, à medida que seu comportamento se dá pelas relações de amabilidade, princípios esses que foram supostamente herdados da família tradicional Lusitana:

Surgindo com relativo atraso no horizonte das navegações lusitanas, sem o engodo de tesouros e maravilhas que, bem ou mal, tinham sido causa de tantas outras expedições descobridoras, o Brasil não oferece campo nem mesmo a essas cintilantes associações. Ainda quando vindo por livre vontade, seus antigos povoadores não de habituar-se nele a uma natureza chã e aparentemente inerte, e aceitá-lo em tudo tal como é, sem a inquieta

atração de outros céus ou de um mundo diverso. (HOLANDA, 1977, *apud* SOUZA⁸, 2007, p.2).

Crítico do conservadorismo, Holanda (1995) atribui ao passado o julgo português sobre o Brasil o fato das raízes brasileiras estarem atreladas ao país Lusitano, nesse sentido, as raízes identitárias naturalmente estariam percorrendo o mesmo caminho, entretanto, vale a pena ressaltar que as críticas ao conceito de homem cordial se dão em função do mesmo ser mutável e adaptável mediante as críticas recebidas e, também, pelo fato de ser um conceito contraditório no que diz respeito a pensar a identidade brasileira a partir de tal conceito. Nesse sentido é importante refletir o quanto o comportamento brasileiro se trata de uma herança portuguesa e o quanto retrata fielmente o povo brasileiro em sua essência, para essa reflexão é primordial pensarmos na nação brasileira nos dias de hoje.

Em suma, o conceito de homem cordial também prevê o comportamento brasileiro voltado para o individualismo. Holanda (1995) sugere que o homem cordial necessita se apegar mais ao valor coletivo do que ao valor individual e assim “viver no outro”, desse modo, o homem cordial brasileiro possui um caráter ambíguo no que diz respeito ao seu comportamento quando se demonstra *cordial* a medida que os fatos se desenrolam a benefício de si próprio, caso contrário o comportamento hostil impera de maneira mais forte, em outras palavras, o brasileiro se caracteriza por querer se dar bem em todas as situações nem que para isso ele precise dar o velho e bom “jeitinho brasileiro”.

Diante da concepção de Holanda (1995) mediante ao conceito de homem cordial, no qual se vincula as raízes do Brasil, podemos atrelar sua ideia ao contexto futebolístico, principalmente quando se analisa o comportamento brasileiro no sentido de sua identidade estar atrelada a uma lógica mais passional e menos racional, a partir dessa premissa o futebol brasileiro possui raízes próprias, desvinculadas da Europa, tais raízes estão ligadas ao improviso e a capacidade de resolver um lance de maneira individual, fator esse que demonstra a característica mais marcante do futebol brasileiro que são os dribles desconcertantes.

⁸ Ricardo Luiz de Souza - Doutor em História pela Universidade Federal de Minas Gerais. Mestre em sociologia. Professor da Fundação Educacional Monsenhor Messias UNIFEMM do Centro Universitário de Sete Lagoas. É autor de *Identidade nacional e modernidade na historiografia brasileira: o diálogo entre Sílvio Romero, Euclides da Cunha, Câmara Cascudo e Gilberto Freyre*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, e de mais de 40 artigos publicados em diversas revistas universitárias brasileiras.

O caráter improvisador a fim de buscar soluções para lances sem soluções no futebol é a característica mais marcante do jeito de jogar brasileiro, tal característica é tão acentuada que os grandes centros futebolísticos europeus atribuem a essa capacidade o fato do Brasil ser pentacampeão mundial. Em suma, as principais análises no que tange o futebol brasileiro e o futebol europeu, o esporte brasileiro sempre se destacou pela individualidade de seus jogadores, em contrapartida o futebol europeu se destaca taticamente e coletivamente.

Outro elemento muito marcante que podemos ver na abordagem de Holanda (1995) que é bastante presente no futebol brasileiro é o chamado “jeitinho brasileiro”, que está relacionado a falta de empatia, nesse sentido o povo brasileiro quer se dar bem de qualquer forma, ainda que passe por cima da ética e da moral, e no futebol brasileiro não é diferente, basta lembrar os inúmeros casos de corrupção no futebol envolvendo árbitros, os campeonatos ganhados nos tribunais no chamado “tapetão” e nas viradas de mesas para evitar que clubes de grande expressão fossem rebaixados, entre eles o célebre campeonato brasileiro de 1987. Enfim, todos esses fatos acima listados refletem fielmente o que é o Brasil e sua identidade, tanto nos seus comportamentos mais complexos até os mais simples como, por exemplo, no *fair play*⁹ que em grande parte do mundo acontece de forma natural, mas que no Brasil sempre ocorrem brigas, ao ponto de ter que fazer parte da regra do jogo.

Vimos aqui três concepções distintas sobre a identidade brasileira e sua complexidade, embora elas dialoguem entre si de forma direta ou indireta, o futebol se encaixa em todas as concepções acima mencionadas e nos dá uma ideia de como a identidade brasileira se manifesta de diversas formas e como, em grande medida, o futebol brasileiro é uma das mais fiéis manifestações de cultura e identidade.

Como vimos anteriormente, o futebol brasileiro, principalmente depois do período de profissionalização, transcendeu o âmbito elitista com forte conexão a valores étnicos para se transformar na principal modalidade esportiva brasileira, em especial na década de 1930, no regime Vargasista, sendo em grande medida, ligado ao caráter nacionalista e assim alçado à condição de um elemento de integração e de criação de uma identidade brasileira, como salienta Ribeiro (2003):

⁹ Conceito que significa “jogo limpo”, ou seja, os praticantes devem jogar de forma que não prejudique o adversário, os dois times devem jogar em igualdade de condição. Por exemplo, quando um jogador se acidenta em campo, a ética do *fair play* diz que o adversário deve parar o jogo para o atendimento médico, em contrapartida no reinício do jogo a bola deve ser devolvida para quem tinha a posse anteriormente.

[...] correspondia a um movimento cultural e político mais amplo, envolvendo tanto os interesses de disciplina social do Estado, a dinâmica específica do futebol, quanto um clima cultural, que perpassava toda a sociedade, de produção de uma identidade nacional forte. Com relação à situação específica do futebol, a profissionalização correspondia à tensão que existia entre a tradição elitista e amadora dos primórdios da prática esportiva e a necessidade de regulamentar nos clubes - numa conjuntura de popularização do futebol - a crescente participação de jogadores remunerados, de sua maioria de origem pobre e negra.(RIBEIRO,2003, p.2).

Vincular o futebol brasileiro a cultura de massa não pressupõe um caminho fácil, dada à situação das desigualdades sociais, em que cada brasileiro vive em mundos diferentes e, dessa forma, não seria possível pensar em uma identidade nacional homogênea, que representasse o povo brasileiro como um todo, entretanto o fenômeno futebol, logo após se tornar profissional e democrático, teria condição e poder de criar uma identidade nacional representativa, partindo da premissa de que o esporte se fez querido por todas as classes sociais. Desse modo, o futebol sendo alavancado pelo discurso nacionalista de Vargas viria a alcançar o status de cultura e identidade nacional.

Para além das reflexões dos autores mencionados, corrobora-se também para a reflexão cultural identitária alguns outros elementos presentes na sociedade brasileira e que também resumem a cultura brasileira e sua relação com o futebol como, por exemplo, o fato de o domingo à tarde ser o momento culturalmente escolhido para descansar e estar com a família e também de assistir futebol, embora esse comportamento não abranja a todos, boa parte dos fãs de futebol adota esse padrão em função da cultura nacional anexada as emoções proporcionadas e também, de maneira secundária, é adotada pela TV e a emissora que detém por décadas os direitos de transmissão dos jogos. O cantor Samuel Rosa, na música “uma partida de futebol”, expressa um pouco dessa energia e bem-estar que o futebol transmite a todos os seus amantes:

¹⁰Bola na trave não altera o placar
Bola na área sem ninguém pra cabecear
Bola na rede pra fazer o gol
Quem não sonhou em ser um jogador de futebol?

¹⁰ Canção gravada pelo grupo musical Skank: Uma partida de futebol, do álbum: O samba Poconé, lançado em 1996, composição de Nando Reis e Samuel Rosa.

A bandeira no estádio é um estandarte
A flâmula pendurada na parede do
quarto O distintivo na camisa do uniforme
Que coisa linda é uma partida...

Conceitualmente, as práticas culturais denominam-se como um conjunto de conhecimentos adquiridos, tais como costumes, relações sociais, manifestações intelectuais, artísticas e religiosas de um povo. Estas uma vez transmitidas se perpetuam na sociedade, articulando-se com a população e dialogando com sua identidade cultural. Desse modo, compreendemos que cada indivíduo, a partir das relações culturais em que vivem, elaboram visões e práticas culturais e sociais diferenciadas. Sobre cultura e identidade, Brayner (2007) sugere que:

As pessoas fazem parte de diferentes grupos sociais, cujo alcance pode ou não ser local: o grupo da igreja, o grupo de fundadores da cidade, o grupo dos comerciantes, o grupo das mulheres, o grupo dos seringueiros, entre outros. Assim, durante sua vida, as pessoas constroem suas identidades ao se relacionarem umas com as outras em diferentes contextos e situações. A identidade de uma pessoa é formada com base em muitos fatores: sua história de vida, a história de sua família, o lugar de onde veio e onde mora, o jeito como cria seus filhos, fala e se expressa, enfim, tudo aquilo que a torna única e diferente das demais. (BRAYNER, 2007 *apud* SILVA, 2019 p.8).

Nesse sentido, o lugar comum entrelaça o passado histórico convertendo-o em memória coletiva e, assim, faz com que os grupos sociais compartilhem experiências, fazendo também com que as pessoas se identifiquem umas com as outras e, ao mesmo tempo, constituam uma identidade nacional, corroborando com a concepção de Hall (2006) ao passo que a identidade não se dá pelo meio biológico, mas pela convivência e pelo meio social.

Pensar identidade cultural significa abordar os costumes e modos operantes em determinada cultura, sendo assim, a identidade constitui-se em algo singular e autoral da sociedade local, e essa singularidade depende de vários fatores periféricos que norteiam a sociedade, nesse sentido, pressupõe que a sociedade determina de forma direta ou indireta os moldes culturais que regem o país. De acordo com essa premissa intui-se que a cultura brasileira recebe influências culturais e sofre influências da mídia, dos meios de comunicação e da propaganda para expandir sua mensagem.

Dentro do contexto de identidade cultural, no tópico seguinte tentaremos entender melhor esse processo de expansão da mídia, sobretudo o papel dessa no processo de expansão do futebol, principalmente a partir de 1950, com o advento da

Copa do Mundo, e também como a indústria cultural alavancou a economia em detrimento do futebol.

2.2 Indústria cultural e o futebol brasileiro

Na medida em que o futebol transfigurou-se em um esporte praticado mundialmente, essa prática esportiva tornou-se alvo de muitos investimentos. De acordo com balanço feito pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) o futebol representa aproximadamente 0,72% do Produto Interno Bruto (PIB) nacional, o que representa um valor de 52,9 bilhões de reais, todo esse investimento é, sem dúvidas, bastante relevante e impulsiona no crescimento da prática esportiva.

A partir da Copa do Mundo de 1950 o futebol se potencializou, principalmente com a ampliação das mídias e as transmissões pela televisão, expandindo o produto futebol para diversas partes do país. Partindo dessa premissa podemos deduzir que os meios de comunicação de massa certamente exerceram um papel fundamental no crescimento do futebol, principalmente na divulgação e no crescimento financeiro. O evento da Copa do Mundo de 1950 trouxe consigo uma série de fatores econômicos, por exemplo, a produção de produtos estéticos e artigos, símbolos, bandeiras, camisas e outros objetos de consumo fabricados em função do evento.

Em suma, no que diz respeito à produção de produtos específicos para a Copa do Mundo realizada no Brasil em 1950, ainda que de maneira efêmera, nos remete a pensar na indústria cultural e de massa, ideia essa desenvolvida e pautada por Adorno e Horkheimer.

Salienta-se que o conceito de indústria cultural de Adorno e Horkheimer surgiu na Alemanha, especificamente na Escola de Frankfurt, em meio a ascensão nazista, que crescia substancialmente também em função da propaganda utilizada para divulgar as ideologias desse regime, paralelamente com as indústrias em formação no período pós-guerra. Adorno e Horkheimer desenvolveram o conceito de indústria cultural e esse influenciaria diretamente na sociedade, reproduzindo os meios de comunicação e as artes de maneira massificada, criando conteúdos em larga escala para serem consumidos como forma de entretenimento.

A cultura de massa e identidade se difere drasticamente da indústria cultural massificada cunhada por Adorno (1947), no primeiro a cultura de massa está

vinculada a uma identidade espontânea, oriunda da própria massa social e popular, essa se agarra aos costumes locais que representa uma identidade que surge naturalmente sobre égide da comunidade, todavia, a concepção de Adorno e Horkheimer está pautada em uma indústria cultural tanto quanto massificada, estabelecida por fatores externos, que fora produzida artificialmente por intermédio do capitalismo. Desse modo, pressupõe-se que o capitalismo em sua essência regeu a indústria cultural já que o princípio capitalista se encaixa perfeitamente a lógica de expansão e crescimento industrial, especialmente quando a indústria cultural desenvolve na sociedade o desejo de consumir desmedidamente em função da propaganda.

Quanto mais sólidas se tornam as posições da indústria cultural, tanto mais brutalmente esta pode agir sobre as necessidades dos consumidores, produzi-las, guiá-las e disciplina-las, retirar-lhes até o divertimento. Aqui não se coloca limite algum ao progresso cultural. Mas essa tendência é imanente ao próprio princípio — burguês e iluminista — da diversão. (ADORNO, 2002, p.2).

De acordo com Adorno (2002) a indústria cultural promove uma falsa necessidade de consumir, e esse desejo ultrapassa o limite da condição financeira e da própria necessidade, transformando-se então em uma relação de consumo exacerbada:

O princípio básico consiste em lhe apresentar tanto as necessidades como tais, que podem ser satisfeitas pela indústria cultural, quanto por outro lado organizar antecipadamente essas necessidades de modo que o consumidor a elas se prenda, sempre e apenas como eterno consumidor, como objeto da indústria cultural. Esta não apenas lhe inculca que no engano se encontra a sua realização, como ainda lhe faz compreender que, de qualquer modo, se deve contentar com o que é oferecido. (ADORNO, 2002, p.23).

Adorno e Horkheimer pensaram o conceito de indústria cultural que reproduziria os meios de comunicação como: filmes, músicas, histórias em quadrinhos, até a própria televisão entra nesse contexto. Assim, para Adorno e Horkheimer a indústria cultural se comporta como um conjunto de reproduções que não gera nenhuma reflexão necessária sobre todo o processo cultural, ao contrário, a indústria massificada causa alienação e irracionalidade do público. Desse modo, a indústria cultural estava relacionada a uma questão ideológica. Portanto, na perspectiva de Adorno e Horkheimer a ideologia presente na indústria cultural trabalha

como forma de dominação articulada e organizada a fim de prender seus consumidores através da produção de conteúdo que visa suprir uma necessidade que é em grande medida inexistente e /ou efêmera.

No entanto, o conteúdo de verdade pode afirmar-se mesmo nas obras de arte muito profundamente ligadas à ideologia. Enquanto aparência socialmente necessária, a ideologia constitui também sempre em tal necessidade a forma discordante do verdadeiro. (ADORNO, 1982 *apud* FIANCO¹¹, 2010, p. 8).

O caráter ideológico da indústria cultural sugerido por Adorno (2002) vai ao encontro do projeto nazista, que naquele contexto histórico objetivava produzir diversão e entretenimento ao público de maneira que não permitisse a reflexão, tampouco a crítica, desviando a atenção da massa das mazelas que aconteciam na Alemanha nazista. Entretanto, a concepção de indústria cultural pautada por Adorno (2002) ultrapassa os limites da temporalidade Adorniana e se infiltra na sociedade mundial a medida que a indústria cultural se potencializou na contemporaneidade, sobretudo com as novas tecnologias que permitem um alcance maior e mais rápido das produções.

Ressalta-se que os elementos que compunham a indústria cultural no período nazista se estabeleceram de forma totalmente diferente do que acontece na atualidade, nesse sentido, podemos dizer que o advento da internet potencializou radicalmente a indústria cultural, isso por causa da facilidade do acesso aos conteúdos e paralelamente por não exigir uma formação ou um conhecimento por parte de quem produz tais conteúdos, gerando assim conteúdos pífios e que não agregam conhecimento e reflexão, assim, não podemos cair no anacronismo de analisar o conceito de Adorno (2002) de maneira descontextualizada e irresponsável, já que seria inimaginável para os autores, na época em que formularam tais conceitos, prever os impactos da cultura de massa em detrimento da internet e outras tecnologias da atualidade.

Diante da concepção de Adorno (2002) intui-se que o futebol brasileiro, a partir da sua democratização se permeia através da indústria cultural, principalmente a partir da Copa do Mundo de 1950, em que a comercialização de produtos, o índice de divulgação do evento, e o investimento no futebol cresceram exponencialmente. A

¹¹ Prof. Dr. Francisco Fianco (UFMG-Gravataí-RS), disponível em <https://www.ufsj.edu.br/portal2repositorio/File/revistaestudosfilosoficos/art8-rev4.pdf>

Copa do Mundo de 1950 no Brasil significou a democratização do futebol tanto no âmbito da prática quanto para quem acompanha o esporte no país, assim o futebol passou de um esporte de elite para se tornar massificado e cultural. Entretanto, a partir desse momento o futebol passou a ser também profissional e, conseqüentemente, o esporte se tornou um produto de muito valor financeiro, sendo mercantilizado com enorme potencial econômico.

O contexto do futebol vai ao encontro da concepção de Adorno (2002) no que tange o consumo desenfreado de produtos, principalmente na Copa do Mundo, sem que haja uma reflexão crítica do que se instala por de traz desse consumo que, na abordagem de Adorno (2002), sugere a alienação em detrimento da irracionalidade e subserviência de acontecimentos muito mais relevantes para sociedade do que o evento em si.

A concepção de Adorno (2002) se encaixa também ao contexto da política brasileira em um princípio de política do pão e circo, assim como se adéqua ao cenário da Copa do Mundo de 2014, no qual a sociedade em grande medida se preocupou com a grandeza do evento e os supostos benefícios econômicos que o mesmo poderia atrair para o país, todavia não houve uma reflexão crítica, tampouco bom senso sobre os possíveis efeitos negativos advindos do evento, principalmente do ponto de vista social.

Na perspectiva econômica é inegável que tanto a Copa do Mundo de 1950 como a de 2014 trouxe benefícios econômicos para o país, entretanto podemos afirmar que foi o evento realizado no ano de 1950 que transformou o futebol brasileiro em um esporte de massa, difundindo o esporte entre as camadas populares da sociedade, também em função da indústria cultural massificada, com o advento da mídia potencializando o esporte e fazendo do mesmo um fenômeno mercadológico capaz de movimentar bilhões de reais. Em contrapartida, a Copa do Mundo de 2014 devolveu o esporte a elite branca, ao passo que como a prática esportiva se tornou alvo de muito investimento, sobretudo com a transformação dos estádios em arenas, o futebol se tornou um produto, visando principalmente o lucro, com exposição na mídia, compra e venda de direitos de transmissão das partidas, dentre outros fatores.

A exclusão da massa popular do futebol se faz presente a medida que se percebe a forma como foi gerido o futebol no Brasil desde sua democratização até os dias de hoje, nesse sentido, a transformação se torna perceptível tanto nas formas

mais simples como, por exemplo, no valor do ingresso de futebol nos anos 90, o valor de uma camisa original do clube, os planos de sócios torcedores, como nas formas mais complexas como o quanto recebe um jogador de futebol hoje em relação aos anos iniciais do futebol, a qualidade dos gramados brasileiros e dos estádios, esse último foi alterado radicalmente principalmente na capacidade de acomodar pessoas tendo como exemplo mais evidente o estádio Jornalista Mario Filho, o Maracanã que na sua fundação chegou a ter capacidade para 200 mil torcedores sendo o maior estádio do mundo, mas hoje, após muitas reformas acomoda pouco mais de 78 mil torcedores, diante dessa constatação a explicação mais razoável sobre o caso do estádio supracitado, expressa por jornalista é que esse foi feito com grande capacidade porque era para todos, hoje com menor capacidade é porque foi refeito para a elite.

O conceito de cultura de massa cunhado por Adorno (2002), como dito anteriormente, transcende a temporalidade e contexto do momento no qual foi criado, nesse sentido, a cultura de massa responde muitas perguntas feitas no universo do futebol, dentre elas: por que o futebol europeu é tão diferente do futebol brasileiro e sul-americano? Por que o futebol europeu é tão superior ao futebol brasileiro e, mesmo assim, somos o país com mais títulos mundiais?

Primeiramente, para responder essas perguntas a partir da indústria cultural é preciso sistematizar o contexto da época, no primeiro caso o hibridismo cultural e a globalização enfatizada por Hall (2006) sustenta melhor essa questão, tendo em vista que o futebol também importa e exporta conhecimento futebolístico, a saber, o futebol europeu buscou compensar a capacidade de improviso, técnica e drible do futebol brasileiro com tática resumida ao posicionamento dentro de campo aliado a marcação forte. Vale a pena ressaltar que a exportação de conhecimento implica também na compra de jogadores que, de maneira direta, é facilitada pela discrepância do valor da moeda brasileira.

Ressalta-se que nos primeiros passos do futebol brasileiro, principalmente nas décadas de 1950,1960,1970 e 1980, período em que ainda se consolidava a profissionalização do esporte, a prática futebolística era movida, muitas vezes, pela paixão e amor à camisa. A medida que o esporte se torna parte da engrenagem econômica, com jogadores ganhando salários estratosféricos, o poder financeiro do

futebol, alavancado pelos meios de comunicação, patrocínios e outros fatores transformaram o futebol em negócio e não mais em paixão.

Atualmente o futebol europeu é superior ao futebol brasileiro, o fator que melhor explica esse fenômeno, já que se pressupõe que o futebol brasileiro já foi superior, é o fato do futebol brasileiro não ter acompanhado a evolução do futebol, principalmente por questões políticas. Nesse sentido o futebol brasileiro estacionou na técnica e na qualidade de seus jogadores que hoje tornou-se insuficiente à medida que o futebol europeu buscou compreender e superar o futebol brasileiro por outros caminhos traçados pelo futebol moderno, além de implantar novas ideias através da própria escola brasileira. O advento da indústria cultural e da globalização levou para Europa os modos operantes do futebol brasileiro que aprendeu um pouco do improvisado e capacidade técnica brasileira. Destaca-se também a facilidade imposta pelo poder financeiro europeu em relação à América para a inclusão de novas tecnologias no futebol, a fim de melhorar o desempenho dentro de campo.

Por fim, a concepção de indústria cultural ratificada por Adorno (2002) sugere mudanças bruscas do fenômeno cultural na sociedade na medida em que essa evolui ou não, já que em sua abordagem Adorno (2002) expõe de forma negativa as mudanças, no âmbito social, causadas pela indústria cultural massificada em meio a uma sociedade mergulhada nas tecnologias, segundo o autor, a indústria cultural possui um caráter ideológico que suplanta as relações interpessoais, aniquila os valores da alteridade, além de anular o princípio da subjetividade, já que essa prevê uma objetificação dos sujeitos.

Vimos neste capítulo que, conforme a concepção de Adorno(2002), a indústria cultural pauta a substituição dos valores místicos do futebol, como o amor pelo esporte que se tornou paixão nacional e o valor patriótico e nacionalista nos primeiros anos de futebol no Brasil, para ser um novo esporte regido pelo poder aquisitivo/econômico. Assim, o futebol passa a visar mais a parte financeira do esporte como fenômeno mercadológico, cunhado por valores cada vez mais exorbitantes. Em suma, o futebol brasileiro atualmente se perdeu no valor financeiro de tal forma que não consegue vincular o amor e prazer do futebol, em conformidade com o profissionalismo que cada vez mais se torna ponte para o futebol ser apenas um objeto e fonte quase inesgotável de dinheiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história do futebol brasileiro passou por diversas transformações, tanto em sua prática futebolística como nos modos de entender o futebol por diversos aspectos: político, sociais e econômicos. Em um primeiro momento, neste trabalho pretendeu-se elencar os principais acontecimentos que colaboraram para o crescimento do esporte no Brasil, nesse sentido, a contribuição de Filho (2010) foi primordial para o entendimento desse processo ao passo que em sua crônica *O negro no futebol brasileiro* o jornalista ratifica pormenores a relação do brasileiro com futebol, sobretudo na Copa do Mundo de 1950, que para o autor pressupõe um divisor de águas para o crescimento da popularidade do futebol no Brasil, uma vez que tal esporte estava restrito a elite.

Buscou-se também a utilização de diversas fontes, bem como a comparação entre elas, essas voltadas para o campo da história e da cientificidade documental a fim de corroborar as palavras de Filho (2010), uma vez que sua obra chegou a ser questionada por figuras ligadas ao esporte, dentre eles o dirigente Luís Onofre Meira em entrevista com Tonini (2010):

Não existe o racismo também. Até pela qualidade técnica dos negros. As vezes, são até superiores na comparação com jogadores brancos. Inclusive acho que eles encontram um espaço no futebol onde se sentem seguros, reconhecidos e têm resultados extremamente positivos'. (Luís Onofre Meira *apud* TONINI, 2010, p.408).

Nesse sentido Rosenfeld (1993) e Júnior (2017) na qualidade de historiador e crítico respectivamente, ratificam e desempenharam esse papel de colocar um sentido histórico e científico na pesquisa e, dessa forma, não deixar dúvidas sobre o que ocorreu durante todo o processo de democratização do futebol brasileiro, além de elencar outros fatores igualmente importantes para compreensão de como o futebol brasileiro sofreu com diversos tipos de preconceito, dentre eles raciais e sociais, que foram relatados documentalmente por Filho (2010) e corroborados por Rosenfeld (1993) e Júnior (2017).

No que tange o valor do futebol na sociedade, a análise recaiu no quanto o futebol cresceu em popularidade a partir da Copa do Mundo de 1950, realizada no Brasil, desse modo, o futebol brasileiro alcançou novos patamares, sobretudo com o olhar do mundo voltado para o país e com o advento da mídia exercendo um papel

importante na divulgação e popularização do esporte já profissional. Com tamanha popularidade o futebol naturalmente passou a ser praticado e acompanhado pela grande massa, não somente como forma de diversão e lazer como outrora, mas tornando-se, com o passar dos anos, a paixão nacional, e símbolo da cultura e da identidade brasileira.

Em um segundo momento a análise se estendeu no tocante a identidade cultural brasileira por meio do futebol, desse modo a problematização se desenvolve a partir da relação da sociedade com a cultura e o quanto o futebol faz parte do universo cultural, a partir das abordagens de Stuart Hall, Roberto Da Matta e Sergio Buarque de Holanda a despeito do tema. O primeiro aborda o quanto a globalização pode ter interferido na nossa identidade e, ao mesmo tempo, trouxe um hibridismo cultural para o Brasil, nesse sentido o futebol brasileiro se relaciona diretamente a esse contexto conforme discutido. O segundo analisa a identidade brasileira a partir do comportamento único e específico em relação a outras culturas, nessa concepção o brasileiro retém um comportamento que o revela em sua essência, fato esse que está muito ligado à forma de se jogar futebol através do improviso e da capacidade técnica.

O mesmo elemento também é presente na abordagem de Sergio Buarque de Holanda, em que o conceito de homem cordial revela o caráter do povo brasileiro em sua essência, a medida que os valores éticos e morais se perdem quando se confrontam com situações que pressupõe uma perda, nesse sentido o desejo de se dar bem sempre se sobressai a ética e a moral, tal comportamento também se faz presente no universo do futebol, especialmente porque historicamente, como demonstrado no tópico *Cultura e identidade: reflexões e diálogo com o futebol brasileiro*, o esporte já sofreu com diversos escândalos de corrupção na tentativa de dar um jeitinho brasileiro, quando em campo não é possível tradicionalmente os grandes clubes tentam no chamado tapetão dos tribunais desportivos.

A reflexão sobre o futebol brasileiro engloba a natureza econômica e da representatividade financeira no âmbito nacional do esporte, nesse sentido a indústria cultural cunhada por Adorno e Horkheimer problematiza o conceito de cultura e identidade brasileira, ao passo que a cultura de massa nos remete a pensar o quanto a cultura brasileira advém das próprias raízes históricas e baseadas nos costumes locais e o quanto a indústria cultural moldou o universo cultural brasileiro através de

produtos, símbolos e representatividade, cujo consumo de tais mercadorias impõe de maneira silenciosa uma nova cultura, tal fenômeno se potencializa, sobretudo, com um mundo muito mais globalizado e moldado pelo capitalismo consumista.

Do ponto de vista econômico a indústria cultural favorece o futebol especialmente na contemporaneidade, desse modo, com o futebol moderno e profissional sendo entendido como produto mercadológico potencializa-se a compra, venda e consumo, assim o futebol se transforma em negócio, um grande exemplo disso ocorreu justamente nas Copas do Mundo de 1950 e 2014, quando foram construídos grandes estádios, além de mecanismo para viabilizar a realização do evento.

De acordo com as discussões até aqui expostas podemos intuir que o futebol implantado por Charles Miller no Brasil a princípio era um esporte sinônimo de civilidade, pois objetivava a diversão e lazer restrito a elite e, em nenhum momento, existiu aspiração em expandir o esporte para todos.

Nessa perspectiva o futebol brasileiro surgiu como um esporte de elite em sua origem, posteriormente alcançou a democratização com a inclusão do negro e das massas populares do país, e também com a profissionalização do futebol em 1923 debaixo de muita luta e resistência, paralelamente com Copa do Mundo, elevando a visibilidade do esporte no Brasil. Desse modo o futebol brasileiro alcançou o ápice do futebol mundial com a conquista do campeonato de 1958, ratificando o tradicionalismo do esporte no Brasil, alcançando toda a população tanto na prática esportiva como no acompanhamento dos jogos. Entretanto, o futebol brasileiro retornou novamente para a elite brasileira principalmente a partir da Copa do Mundo de 2014, com a inclusão das novas arenas com menor capacidade, fazendo o futebol brasileiro ficar cada vez mais caro e inacessível para as camadas mais populares.

A inacessibilidade do futebol para as camadas mais populares da sociedade evidenciou-se na Copa do Mundo de 2014, expresso no valor exorbitante ingresso, chegando a quase 2 mil reais. Desse modo enquanto a Copa do Mundo de 1950 marcou a inclusão e a democratização do futebol, a Copa do Mundo de 2014 marcou o início de um novo momento do futebol brasileiro, marcado pela desigualdade e a elitização do esporte.

REFERÊNCIAS

- ADORNO,W Theodor; HORKHEIMER . **Dialética do esclarecimento.**: Editora Querido reeditado.1947.
- ADORNO,W Theodor; JUBA Elizabeth Levi. **Industria cultural e sociedade.** . Paz e Terra. .São Paulo.2002.
- CARVALHO, Marcelo. **Relatório anual da discriminação racial no futebol brasileiro.** Rio Grande do Sul.2015.
- CBF. **CBF apresenta relatório sobre papel do futebol na economia do Brasil.** [s.], 2019. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/a-cbf/informes/index/cbfapresenta-relatorio-sobre-papel-do-futebol-na-economia-do-brasil> . Acesso em: 21 out. 2020.
- FIFA. **Página inicial.** [S.][s.d]. Disponível em: <https://www.fifa.com/>. Acesso em: 18 set. 2020.
- FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro.** 5ª ed. Rio de Janeiro: Maud.2010.
- FRANCO, Júnior, Hilário. **Dando tratos a bola** . São Paulo: Companhia das Letras.2017.
- GADE, Christiane. **Psicologia do consumidor e da propaganda.** Ed. rev. e ampl. - São Paulo: Ed. E.P.U., 1998.
- GALENO, Eduardo in: Eric Nepomuceno e Maria do Carmo Brito .**Futebol ao sol e à sombra.** coleção L.P packet. Disponível em: <https://docplayer.com.br/1913212Eduardo-galeano-futebol-ao-sol-e-a-sombra.html> .Revista Argo.2013. Acesso em: 28 set. 2020
- GASPARINO, Henrique. **Estudo da transmissão esportiva na televisão brasileira.** Bauru.2013.
- GIEF. **Grupo Interdisciplinar de Estudos sobre Futebol.** Página inicial. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/gief/>. Acesso em: 18 set. 2020.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade** .edição 11.Rio de Janeiro: DP&A.2006.
- HELAL ,Ronaldo; GORDON JUNIOR ,Cesar .Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol . **Estudos históricos,** Rio de Janeiro v13 n23,1999
- HOLANDA, Buarque Sergio. **Raízes do futebol brasileiro.** Edição 26.São Paulo: Companhia das letras .1995.
- MANOEL, Glenda Bastos. A evolução histórica do futebol no Brasil. [S.][s.d]. Disponível em: <https://universidadedofutebol.com.br/wp-content/uploads/2017/03/aevolu%C3%A7%C3%A3o-historia-do-futebol-no-brasil.pdf>. Aceso em: 10 nov. 2020.

MATTA, Roberto da, **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro :Roco.1986.

MATTAR, Michel. **Gestão de clubes de futebol.** 2012.

MÁXIMO, João. Memórias do futebol brasileiro. **Estudos Avançados**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 37, p 179-188, jan./dez. 1999.

MAZZEI, Leandro Carlos (org.). **Gestão do Esporte No Brasil, Desafios e perspectivas.** São Paulo: Ed. ICONE EDITORA, 2012.

NEGREIROS, Plínio José Labriola de C. O Estádio do Pacaembu. Coletânea do V Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física. **Anais.** Maceió, 1997.

OBSERVATÓRIO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO FUTEBOL. **Relatório Anual da Discriminação Racial no Futebol 2015.** [S.l.], Agosto/2016. Disponível em: https://observatorioracialfutebol.com.br/Relatorios/2015/RELATORIO_DISCRIMINCAO_RACIAL_2015.pdf. Acesso em: 10 set. 2020.

PRODANOV, Cleber Cristiano; MOSER, Vinícius; KESKE, Humberto, Ivan. **O “ maior espetáculo da terra ”.** O futebol e sua capacidade de transgredir os níveis de cultura de massa. Porto Alegre .2012.

ROSENFELD, Anatol , **Negro macumba e futebol** ,São Paulo :perspectiva,2013.

SILVA, Glauber Ricardo. **Noções de identidade de Stuart Hall e o diálogo com o patrimônio cultural.** Recife, 2019.

SILVA, Silvio Ricardo da. A construção Social da Paixão no Futebol: o caso do Vasco da Gama. In: DAOLIO, Jocimar. **Futebol, cultura e sociedade.** Campinas: Autores Associados, 2005.

SOUZA, Adriano Lopes de. **O torcer misto de Maceió.** [S.l][s.d]. Disponível em: ://evento.ufal.br/anaisreaabanne/gts_download/_Adriano%20Lopes%20de%20Souza%20-%201021127%20-%204547%20-%20corrigido.pdf. Acesso em: 14 nov. 2020.

TONINI, Marcel Diego.**Além dos gramados:** história oral de vida de negros no futebol brasileiro (1970-2010) São Paulo.2010.Disponível em https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-06062011173422/publico/2010_MarcelDiegoTonini.pdf. Acesso em 20 set. 2020.